

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR LITORAL

CURSO DE BACHARELADO EM GESTÃO AMBIENTAL

ANDRÉ ALEX DE PAULA SILVA

SABERES AMBIENTAIS: MULHERES PESCADORAS NO PORTO DE
PASSAGEM, GUARATUBA, LITORAL DO PARANÁ.

MATINHOS

2019

ANDRÉ ALEX DE PAULA SILVA

SABERES AMBIENTAIS: MULHERES PESCADORAS NO PORTO DE
PASSAGEM, GUARATUBA, LITORAL DO PARANÁ.

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau de
Bacharel em Gestão Ambiental pela Universidade
Federal do Paraná – Setor Litoral.

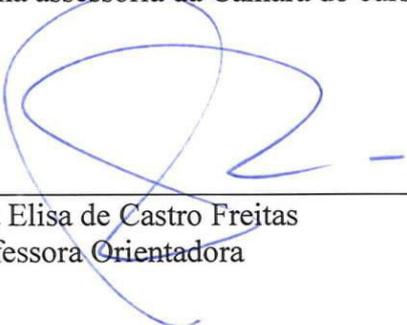
Orientadora: Prof. Dr. Ana Elisa de Castro Freitas

MATINHOS

2019

ATA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e um dias do mês de novembro de dois mil e dezenove, às nove horas, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca avaliadora do trabalho de conclusão de curso, constituída pelas professoras Natália Tavares de Azevedo e Patricia Martins, sob a presidência da Orientadora professora Ana Elisa de Castro Freitas. O Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental, do aluno **André Alex de Paula Silva** sob o título: “**Saberes Ambientais: Mulheres Pescadoras no Porto de Passagem, Guaratuba, Litoral do Paraná**”, obteve o conceito APL. O aluno deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final em formato digital, até o dia 06 do mês de dezembro, do ano 2019, na assessoria da Câmara do curso de Gestão Ambiental.



Ana Elisa de Castro Freitas
Professora Orientadora



Natália Tavares de Azevedo
Membro da banca avaliadora



Patricia Martins
Membro da banca avaliadora

AGRADECIMENTOS

Durante esses quatro anos que caminhei ao lado dos meus colegas que se tornaram atuais amigos, agradeço fortemente por serem meu sustento em momentos difíceis. Aprendi sobre um universo novo, me tornei um André diferente, o qual tenho muito orgulho de ser, por isso, agradeço a cada um que participou nesse processo.

Trago um especial agradecimento para minha mãe, Cleusa Martins de Paula, ao meu pai, Francisco Flávio Silva, e aos familiares que estiveram presente nesta etapa da minha vida.

A Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral pelo ensino público de qualidade e a todos os professores e servidores que conheci e convivi.

Agradeço minha orientadora Prof. Dr. Ana Elisa de Castro Freitas, que pôde me guiar, incentivar (muito), me acolher, compreender, me ajudar com sua experiência e sabedoria.

Sou agradecido a todos os professores que me mediarão até conseguir encontrar o caminho que deveria seguir, principalmente o Prof. Dr. Christiano Nogueira, o qual me ensinou de forma imensurável durante minha participação em sua Iniciação Científica.

A assessoria do curso que nunca me negou de me ajudar e sempre com a maior dedicação.

Esta pesquisa não teria sido realizada se não fosse minha colega e amiga Thaís Fusík de Oliveira, a qual me apresentou às mulheres pescadoras. Além de todas as pescadoras que contribuíram com a pesquisa, principalmente a Marisa Gonçalves da Silva e a Dona Roza quem eu tenho enorme um grande carinho!

Fecho com o agradecimento a todos que tiveram qualquer tipo de participação construtiva nessa fase tão importante!

RESUMO

Este trabalho buscou descrever os saberes ambientais que circulam no cotidiano de pescadoras no Porto de Passagem, Guaratuba, Litoral do Paraná. O estudo se desenvolve com base no método etnográfico, e teve por objetivo conhecer e descrever saberes ambientais vinculados a percepções das pescadoras sobre o ambiente onde vivem, tendo como foco os relatos das sujeitas da pesquisa, através de entrevistas abertas e observação participante. Buscou-se evidenciar de forma mais profunda o dia-a-dia destas mulheres. O presente texto é resultado de reflexões referentes às saídas de campo para a realização de encontros com pescadoras na comunidade do Porto de Passagem. Estas saídas foram realizadas entre 2017 e 2019, totalizando 6 saídas de campo, que tiveram como objetivo resgatar saberes das pescadoras através de conversas, fotografias e anotações no diário de campo. Como resultado percebe-se que a trajetória destas mulheres é marcada pela pesca desde a infância até o tempo presente, embora a atividade pesqueira não seja suficiente para a sustentação econômica, exigindo atividades complementares. As pescadoras possuem conhecimento das espécies da ictiofauna do Litoral Paranaense, utilizam de várias técnicas de captura e familiarizam-se com o território da Baía de Guaratuba. Atualmente, mesmo com a influência de fatores externos como a urbanização e o turismo sazonal, o vínculo qual envolve valores, tradições, crenças religiosas e percepções permanecem na cultura e exercem um papel fundamental vida destas mulheres.

Palavras-chave: Mulheres Pescadoras. Etnoecologia. Pesca Artesanal. Saberes Ambientais. Baía de Guaratuba.

ABSTRACT

This paper aimed to describe the environmental knowledge that surround the daily life of fisherwomen in Porto de Passagem, Guaratuba, Paraná Coast. The study was developed based on the ethnographic method, and objectified to understand and describe the environmental knowledge linked to the fisherwomen's perceptions, about the environment where they live, focusing on reports of the research subjects, through open interviews and participatory observation. We sought to deeper highlight the daily lives of these women. This document is the product of reflections over field trips for the meeting with the fisherwomen on the community of Porto de Passagem. These trips were realized during the year of 2017 until 2019, completed with a total of 6 field trips, which it was aimed to rescue the fisherwomen's knowledge through conversations, photographs and notes on the field diary. As a result, it is clear that the trajectory of these women had been marked by fishing since childhood until the present time, but as fishing activity turned out not sufficient for economic support, it was required additional activities. The fisherwomen have knowledge of the ichthyofauna's species of Parana's coast, also use various capture techniques and became familiar with the territory of Guaratuba's Bay. Nowadays, even with the influence of external factors such as urbanization and seasonal tourism, the bond, which involves values, traditions, religious beliefs and perceptions, remains in the culture and keeps a fundamental sense in these women's lives.

Keywords: Fisherwomen. Ethnoecology. Artisanal fishing. Environmental knowledge. Guaratuba's bay.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO PORTO DE PASSAGEM.....	10
FIGURA 2: MAPA FITOGEOGRÁFICO DA BAÍA DE GUARATUBA	24
FIGURA 3: MAPA DE DECLIVIDADE E SOLOS DA BAÍA DE GUARATUBA	26
FIGURA 4: PORTO DE PASSAGEM, GUARATUBA, LITORAL DO PARANÁ.....	28
FIGURA 5: VISTA A PARTIR DO QUINTAL DE MARISA (NEGA).....	30
FIGURA 6: PÉ DE MORRO! O LAR DE DONA ROZA	35
FIGURA 7: RETORNO COM OS PESCADOS.....	36
FIGURA 8: EXERCÍCIO DA RECIPROCIDADE	39
FIGURA 9: MAPA DE TERRITÓRIOS DE PESCA DAS PESCADORAS NA BAÍA DE GUARATUBA.....	43

SUMÁRIO

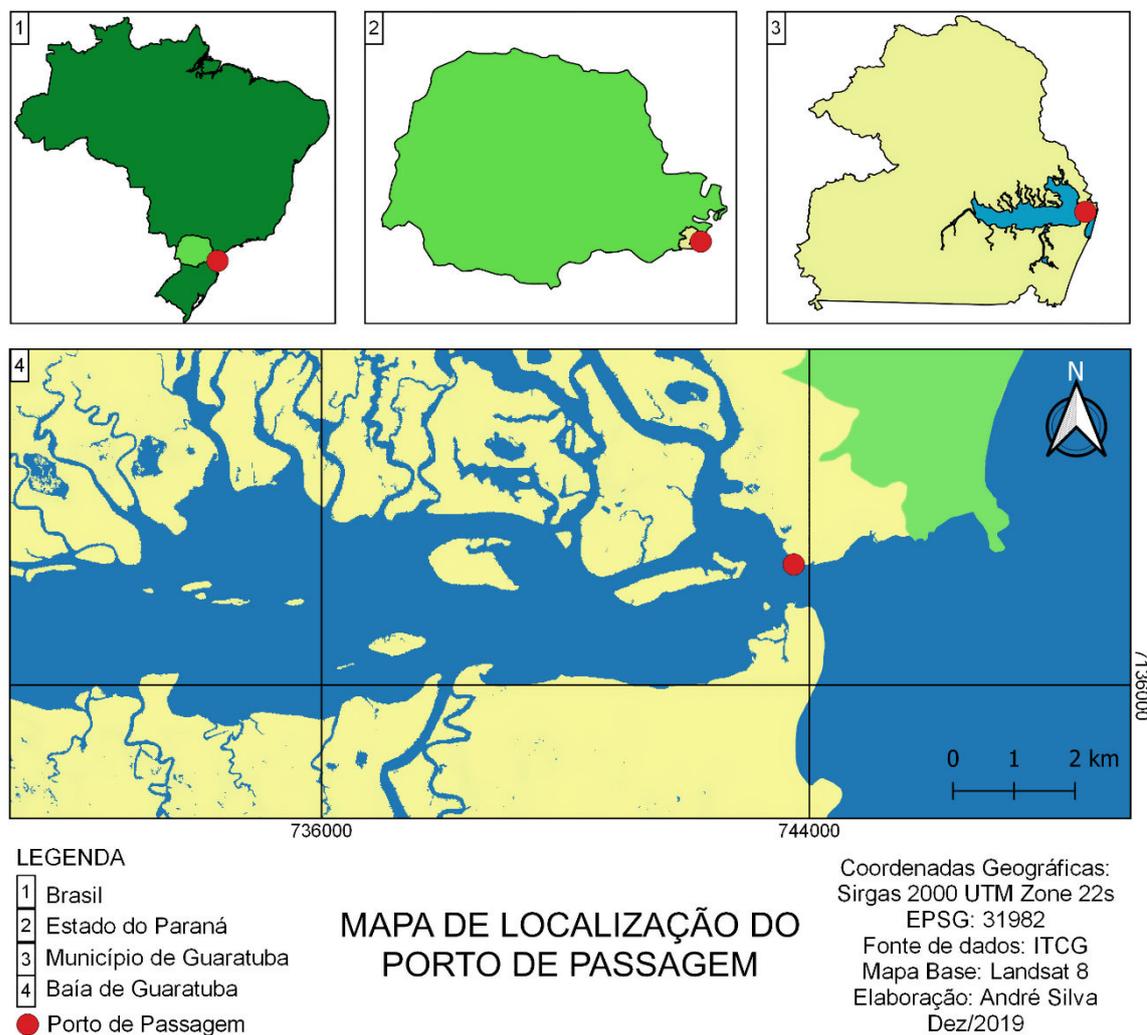
1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
3 MATERIAIS E MÉTODOS.....	19
4 A BAÍA DE GUARATUBA PELAS LENTES DA GESTÃO AMBIENTAL: REGIÃO ONDE SE ENCONTRA O PORTO DE PASSAGEM	23
5 A COMUNIDADE DO PORTO DE PASSAGEM E AS MULHERES PESCADORAS	28
5.1 PRIMEIRA SAÍDA DE CAMPO: UMA RECEPÇÃO CALOROSA AOS SABERES-SABORES DO MAR!	30
5.2 SEGUNDA SAÍDA DE CAMPO: O INÍCIO DE UMA AMIZADE	33
5.3 TERCEIRA SAÍDA DE CAMPO: GRANDES MULHERES EMBARCADAS!	34
5.4 QUARTA SAÍDA DE CAMPO: A IDENTIDADE DE UMA PESCADORA MULHER!.....	36
5.5 QUINTA E SEXTA SAÍDA DE CAMPO: O ENCERRAMENTO DE UM CICLO	38
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
6.1 ETNOESPÉCIES	40
6.2 TERRITÓRIO DE PESCA.....	42
6.3 MULHERES PESCADORAS	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXO 1.....	53
ANEXO 2.....	54
ANEXO 3.....	55
MEMORIAL DE INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS	56
MEMORIAL DE PROJETO DE APRENDIZAGEM	57

1 INTRODUÇÃO

O litoral do Estado do Paraná é uma região onde se encontram várias comunidades litorâneas e populações tradicionais pertencentes a macro identidade "caiçara" (DIEGUES, 1988, p. 9). Localizado entre a divisa do Estado de Santa Catarina, Barra do Saí, e entre a divisa do Estado de São Paulo, Ararapira, trata-se de uma faixa de terras e águas cujo arranjo dá origem a três baías - Baía de Paranaguá, Baía de Guaraqueçaba-Laranjeiras e Baía de Guaratuba. À margem norte da Baía de Guaratuba situa-se o campo da presente pesquisa. Trata-se de uma localidade chamada de Porto de Passagem (Fig. 1). Nomeado afetivamente pelos moradores como "Portinho" ou, simplesmente, "Porto de Passagem" sua identidade e toponímia é associada à antiga travessia de canoa das terras de Matinhos para Guaratuba. De acordo com a memória das habitantes do local, no período anterior a implantação da balsa que realiza o tráfego de pessoas e veículos entre Guaratuba e Matinhos, a travessia era realizada em embarcações fabricadas e gerenciadas pelas comunidades locais, tendo como pontos extremos da travessia a localidade de Prainha, ao sul da Baía de Guaratuba, e o Porto de Passagem, ao norte.

A rota de deslocamento é tradicionalmente realizada por pessoas e grupos pertencentes a comunidades de pescadores e pescadoras artesanais que habitam a região. Em toda a área do Porto de Passagem é praticada a pesca artesanal, mantida pelos poucos pescadores e pescadoras que permanecem na comunidade local, e de certa forma estabelecem estratégias de permanência e de manutenção de suas territorialidades, em uma região fortemente impactada por projetos de desenvolvimento portuário, turismo e expansão urbana, que atingem não apenas os territórios, mas os grupos sociais que os habitam, incidindo com diversas naturezas de impacto, destacando-se a fragmentação (e.g. HARDER, 2014, p. 41; HARDER e FREITAS, 2015, p. 250) .

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO PORTO DE PASSAGEM



FONTE: O autor (2019).

O interesse em desenvolver esta pesquisa nasce da observação da ocorrência de mulheres pescadoras pertencentes a comunidade pesqueiras artesanais residentes no Porto de Passagem, destacando-se que, na maioria das vezes, tais mulheres vivem e saem sozinhas em suas embarcações/canoas pela Baía de Guaratuba, avançando em alto-mar. Apesar deste destaque, a invisibilidade das mulheres que trabalham com a pesca artesanal na região é notável, sendo igualmente ignorada pela história e literatura regional.

As mulheres pescadoras brasileiras contemporâneas possuem uma característica em comum com mulheres que atuam em outros trabalhos, a luta histórica pelo reconhecimento no mundo do trabalho, as dificuldades em conjugar

trabalho, maternidade e atividades domésticas, incluindo a gestão da economia doméstica, na qual muitas vezes são arrimo de família ou principais responsáveis.

A pesca, nesse contexto, ingressa como elemento que compõem a economia familiar, embora neste estudo nossa motivação resida em reconhecer, para além do aporte econômico, outros capitais simbólicos, culturais, e os conhecimentos e práticas, técnicas e demais dimensões ocultas na pesca de mulheres que pescam.

Considerando que a perspectiva de gênero é inseparável dos modos de conhecimento, dinâmicas de produção e circulação de conhecimentos e práticas, partimos da hipótese de que a pesca realizada pelas mulheres no Porto de Passagem pode exibir características específicas em seus modos de produção, circulação, transmissão e criação. Do mesmo modo, temos hipótese que os processos de produção de conhecimento sobre a pesca por essas mulheres aciona dimensões femininas que caracterizam um circuito diferenciado de construção e transmissão de saberes.

As mulheres percebem, vivenciam e respeitam os ciclos ecológicos expressos em muitas dimensões de seu cotidiano e ciclo de vida, embora tais percepções e as práticas delas decorrentes sejam desacreditadas pelo senso comum patriarcal e colonial. Como consequência, seus saberes envolvem um repertório próprio, tocando em temas como a maternidade, a alimentação/nutrição de si e da coletividade, o cuidado com a família, com a casa, o plantio, cultivo do solo, sementes, colheita e a própria pesca, de forma interligada. Esses saberes são transmitidos através de linhagens femininas, pelas vias do parentesco e da coabitação, de geração a geração, ocasionando uma sustentabilidade (DIEGUES, 2000, p. 30).

A localidade onde vivem as pescadoras interlocutoras dessa pesquisa se inscreve em uma região marcada por um turismo sazonal intenso. A comunidade local no Porto de Passagem enfrenta problemas relativos à urbanização das zonas costeiras, tais como vulnerabilidades relacionadas a fragmentação socioambiental, decorrentes da expansão urbana, do fluxo intenso de veículos em certos meses do ano, restrições de acesso ao território decorrente de políticas de Estado e de projetos de desenvolvimento. Nesse contexto, o processo de história recente das comunidades locais é marcado pela redução e fragmentação das unidades domésticas. Muitas vezes os núcleos familiares ficam reduzidos a uma mulher e

seus filhos e filhas embora as redes de vizinhança operem com força, estabelecendo solidariedades de vários tipos.

Sendo a pesca uma atividade que envolve uma teia de relações sociais (DIEGUES e VIANA, 2000), sozinhas e sobrecarregadas de múltiplos papéis sociais, as mulheres pescadoras são levadas a realizar serviços informais, os quais, na maioria das vezes, são mal remunerados e sem vínculo com a pesca, ocasionando o desaparecimento silencioso e gradual da prática pesqueira entre essas mulheres.

Focalizando essa problemática, o presente estudo buscou descrever saberes e práticas socioambientais que integram o repertório cotidiano de mulheres pescadoras no Porto de Passagem, a partir do método etnográfico de observação participante, dialogando com o campo das etnociências (POSEY, 1987). A perspectiva dialógica adotada na metodologia, permitiu a participação no cotidiano das interlocutoras, recepcionando uma série de relatos que informam sobre as percepções e conhecimentos das pescadoras sobre o ambiente onde vivem. Na escrita, buscou-se inspiração na descrição densa de Clifford Geertz (1989), buscando evidenciar de forma mais profunda o cotidiano destas mulheres e, por meio dele, trazer informações sobre a região que possam contribuir com programas e projetos relacionados com o reconhecimento e fomento da pesca artesanal destas mulheres, do meio ambiente e do território a elas associado.

O texto está organizado partindo do aporte teórico selecionado, priorizando na revisão bibliográfica autores que trazem um conhecimento mais profundo sobre o tema de pesquisa. Após a fundamentação teórica, a metodologia apresentada, seguida do desenvolvimento, iniciando com uma caracterização da Baía de Guaratuba, articulando o reconhecimento do espaço com a escrita etnográfica, onde ingressa a descrição da experiência etnográfica junto às pescadoras. Por fim, são apresentados os resultados, focalizando os saberes socioambientais das pescadoras, sistematizados em tabela trazendo as etnoespécies da ictiofauna que integram seu repertório pesqueiro, o mapa de território, relacionado à territorialidade das interlocutoras e elaborado a partir da perspectiva dessas pescadoras e, por fim, as considerações finais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A pesca e a coleta de crustáceos no litoral Brasil é uma prática que vem sendo realizada há muito tempo, sendo indícios dessa atividade a grande quantidade de conchas encontradas em sítios arqueológicos e sambaquis ao longo de toda a costa litorânea (DIEGUES, 1999, p.1). Durante um grande período, e a partir do século XVIII, registra-se um aumento e diversificação das comunidades que praticam a atividade pesqueira na costa brasileira, exibindo diversos modos de vida e culturas locais específicas, as quais diferenciam os grupos (SILVA, 1993, p. 4).

As comunidades caiçaras são assim descritas referindo-se aos habitantes que ficaram parcial ou totalmente isolados na faixa litorânea de Mata Atlântica que se estende do litoral norte de Santa Catarina até o litoral sul do Rio de Janeiro (RAMIRES et al. 2007, p. 102). Diante do processo colonial e da urbanização nessa região, tais comunidades lutam por sua permanência nos territórios que habitam até os dias atuais. A partir dessa realidade, as comunidades caiçaras desenvolveram uma cultura particular, que as diferencia das comunidades tradicionais do interior desses estados (DIEGUES, 1988, p. 9).

Segundo Diegues (2004, p. 17) a pesca artesanal é uma das atividades mais antigas praticadas pelo homem, desde o período anterior ao neolítico, tendo proporcionado aos pescadores um elevado conhecimento acumulado ao longo dos séculos relacionado aos aspectos reprodutivos, concentração de cardumes e ciclo de vida das espécies que capturam. No litoral sul e sudeste do Brasil, geralmente quem pratica a pesca artesanal na costa são as comunidades caiçaras.

O nome caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani caá-içara (Sampaio, 1987, p. 159), que era utilizado para denominar as estacas inseridas em torno das aldeias ou tabas, e os currais feitos de galhos fincados na água para cercar o peixe, o cerco. A primeira citação sobre a palavra caiçara vem das anotações de Hans Staden, alemão que foi aprisionado em 1554 pelos tupinambás no litoral fluminense. Escapando do cativeiro, Staden retornou a Alemanha relatando em livro o período de cativeiro em que partilhou hábitos e costumes dos indígenas. Durante o tempo em que esteve prisioneiro entre os Tupinambás, na costa do

Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, observou e registrou um tipo de cerca que circundava a tribo:

Levaram-me, então, até a caiçara, a fortificação de grossos e longos varapaus que cerca as cabanas como uma cerca faz com um jardim. Necessitam dela como proteção contra seus inimigos. (STADEN, 2010, p. 54).

Tal estrutura de cerco - a caiçara - praticada pelos habitantes locais, passou a designar a identidade dos indivíduos e comunidades do litoral dos estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro (DIEGUES, 1988, p. 9).

De acordo com as premissas teóricas de Diegues (2004), as mulheres do Porto de Passagem possuem características do modo de vida caiçara. Esta cultura particular é caracterizada por modos de vida ligados ao manejo da Mata Atlântica e do mar, pouco mecanizado, num repertório técnico que inclui a fabricação de pequenas embarcações a remos e velas ou motores de pouca potência, bem como o cultivo de plantações em pequena escala para o próprio consumo. Mesmo que a indústria da pesca tenha desenvolvido diversos aparatos tecnológicos, a pesca artesanal permanece e é uma fonte de renda de diversas famílias das comunidades do litoral brasileiro.

A autora Raquel Dumith (2012, p. 99) argumenta que pesca artesanal é responsável por trazer para o consumidor certa diversidade do pescado, pois enquanto a pesca industrial foca num espectro reduzido de espécies, a pesca artesanal abrange múltiplas espécies, sendo assim uma cultura de manejo mais sustentável frente às metas de conservação dos recursos naturais que estão na base das cadeias produtivas.

As primeiras informações históricas sobre o uso do espaço indicam, através de descrições e relatos sobre a vida social em comunidades litorâneas, que essas possuíam vínculo com ambas as práticas, da pesca e da agricultura (ADAMS, 2000). Os pescadores artesanais e tradicionais são capazes de acumular, ao longo de suas vidas, um conjunto de conhecimentos referente à biologia e a ecologia dos peixes e de transmitir esses conhecimentos às gerações seguintes (MARQUES, 2000, p. 17). Tais conhecimentos constituem um campo de investigação, sendo denominados neste campo como conhecimentos etnobiológicos.

A etnobiologia é um estudo que focaliza de modo prioritário os conceitos desenvolvidos por uma determinada sociedade acerca da biologia, abrangendo aspectos da ecologia humana, na medida em que enfatiza as relações humano natureza e como tais relações se expressam em conceitos e categorias, de acordo com o conhecimento do povo estudado (POSEY 1987, p. 15).

O campo da etnobiologia foi iniciado de forma autônoma na década de 1950, um campo interdisciplinar e com estudos sobre os conhecimentos de diversas sociedades humanas em relação a natureza, primordialmente buscando estabelecer correspondência entre os sistemas de classificação indígenas e os sistemas classificatórios empregados na ciência ocidental ou na cultura popular (CONKLIN, 1954 citado por POSEY, 1987, p. 15-16). Já na década de 1970, as categorias cognitivas êmicas, ou seja, os conhecimentos e linhas de raciocínio desenvolvidas por meio da linguagem de um determinado povo ou grupo social, passam a ser objeto de investigação por etnobiólogos, interessados nas funções que tais termos assumem dentro do sistema de conhecimento ao qual pertencem. Nem sempre um sistema de classificação êmico corresponde ao sistema de classificação ético da ciência cartesiana ocidental, apesar de que essas taxonomias ainda mostram concordância de nível significativo em relação aos conceitos ocidentais de gênero e espécie (HUNN, 1975 citado por POSEY 1987, p. 16).

Claude Lévi-Strauss pôde quebrar a busca de concordância entre classificações populares, indígenas e taxonomias ocidentais através de seu livro *La Pensée Sauvage* ou “O Pensamento Selvagem” (1997), permitindo situar os estudos etnobiológicos e etnológicos em outro patamar, reconhecendo os distintos sistemas classificatórios ou esquemas culturais como meios igualmente válidos ou níveis estratégicos de produção de conhecimento sobre o mundo real, contribuindo para eliminar supostas hierarquizações etnocêntricas que posicionavam o “pensamento selvagem ou mágico” em primitividade ou incompletude diante do “pensamento científico” (LEVI-STRAUSS, 1997, p. 28-30 citado por FREITAS, 2005, p. 315).

Segundo Freitas (2005, p. 316), através desta nova perspectiva, análises comparativas começaram a privilegiar grupos indígenas com graus de proximidade linguística, cultural ou geográfica deixando de lado a posição de pólos

comparativos que o sistema cartesiano ocupava, assim se desenvolvendo novas linhas de pesquisa a partir desta perspectiva.

A etnoecologia é um exemplo estudo que deixa evidente a importância de pesquisas que envolvem o conhecimento ecológico local.

De acordo com as definições de Sturdevant (1964) e Johnson (1974), citados no estudo sobre a perspectiva da etnoecologia de Prado e Murrieta (2015, p. 1), compreende-se o conhecimento ecológico local (CEL) como o conjunto de repertórios de uma dada população sobre as condições ecológicas do meio em que vivem e suas diferentes implicações práticas. A etnoecologia é um campo mais abrangente da etnobiologia que se caracteriza como:

[...] um enfoque ou abordagem teórico-metodológica no estudo da relação sociedade-natureza que enfatiza o papel da cognição no comportamento humano, apresentando-se como uma ferramenta útil para analisar problemas relacionados com o manejo, sustentabilidade, conservação e direito de propriedade intelectual. (RAMIRES et. al. 2007, p. 102).

Aderindo a perspectiva da etnoecologia apontada, articulada ao método etnográfico de observação participante, ou seja, buscando conhecer os repertórios de saberes ambientais acionados pelos sujeitos interlocutores da pesquisa, é possível ter uma abordagem mais profunda e uma descrição mais densa e aderente aos aspectos que envolvem as pescadoras e o meio em que vivem, sob o ângulo de seus próprios conhecimentos tradicionais relacionados à natureza e às práticas socioambientais desenvolvidas por elas nesse meio. Desta forma, o conhecimento tradicional passa a fornecer uma base de informações crucial para o manejo dos recursos pesqueiros locais, em particular nos países tropicais onde os dados biológicos raramente são disponíveis (DIEGUES, 2004). Nessa mesma perspectiva, o Diegues e Viana afirmam que:

O conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer – a respeito do mundo natural, sobrenatural – gerados no âmbito da sociedade não-urbano/industrial, transmitidos, em geral, oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural e a organização social. (DIEGUES e VIANA, 2000, p. 30).

Mulheres pescadoras possuem um vasto conhecimento tradicional sobre o ambiente onde vivem, mas, um fato importante a considerar na linha de transmissão desses conhecimentos, é a fragmentação do tempo cotidiano dessas mulheres, marcado por uma superposição de atividades domésticas e extradomésticas, enquanto que o homem possui um tempo unicentrado para apenas a realização de uma ou duas atividades, no máximo, a pesca e a agricultura (ALENCAR, 1993, p. 78). Maneschy (1995) afirma:

Esse fator impede também o reconhecimento e a valorização do trabalho da mulher, notadamente quando se trata da atividade pesqueira, onde sua atuação é vista como incomum quando, na verdade, pode constituir estratégia de sobrevivência do grupo familiar. (MANESCHY, 1995, p. 148)

Rose Mary Gerber (2013) mergulhou no cotidiano de pescadoras no litoral de Santa Catarina em sua tese de pós-graduação e alertou para o fato da invisibilidade das mulheres pescadoras em seu trabalho:

As observações que fiz no decorrer de meu trabalho de campo me apontaram subsídios para afirmar que a denominada invisibilidade feminina na pesca se dá de duas formas. Uma, por parte de quem olha de fora, sejam órgãos públicos, acadêmicos, seja a população de forma mais ampla que não conhece, ou que não consegue supor, que existam mulheres pescadoras. Outra, diz respeito ao contexto interno em que as famílias e as próprias mulheres pescadoras, com ênfase nas que atuam em terra, muitas vezes não se dão conta de que sem elas, a pesca não se reproduz (GERBER, 2013, p. 381).

Vera Lúcia da Silva (2012), pesquisadora atuante em temas relacionados à história da educação, afirma que a falta de reconhecimento do trabalho das pescadoras impede seu acesso a muitos direitos conquistados pelas mulheres em outras atividades laborais. Com efeito, as pescadoras são importantes para todo o processo da pesca e participam efetivamente embarcadas no mar e nas baías, como é o caso das interlocutoras dessa pesquisa, no Porto de Passagem do Cabaraquara, que atuam tanto na coleta do pescado, quanto são responsáveis pelo processamento do mesmo (retirada de escamas e evisceração). Ademais, são elas as responsáveis em viabilizar meios necessários para a manutenção da atividade da pesca, tais como o conserto dos apetrechos e instrumentos pesqueiros ou a fabricação de alguns deles, como rendas e anzóis, quebrando o

estereótipo de que a atividade pesqueira é apenas um trabalho masculino (DA SILVA, 2012 p. 3).

Afinal, as pescadoras possuem uma perspectiva de suas prática de pesca artesanal pautada pela conservação e sustentabilidade necessárias a sua existência no meio onde vivem, ponto essencial para a continuidade de seu trabalho e permanência na região (CATELLA et al. 2012, p. 2). Concordando com as pesquisadoras citadas, ainda persistem nos estudos ambientais uma opacidade que vela a atuação de mulheres que praticam a pesca artesanal, fazendo-se necessários estudos voltados à descrição e reconhecimento do seu trabalho ou, até mesmo, de sua condição socioambiental e histórica de pescadora. Descrever e difundir seu trabalho e seus conhecimentos é essencial para contribuir na visibilidade e reconhecimento destas mulheres.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O método utilizado neste trabalho é o de escrita etnográfica que tem como objetivo a descrição de um povo ou uma comunidade, o qual envolve estudos culturais, étnico-raciais, abarcando a linguagem, religiões, práticas e atividades. Segundo Geertz (1989, p. 4), a prática etnográfica não envolve apenas estabelecer relações, selecionar informantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 4).

Mattos (2001, p. 51) professora que atua na área da educação através de trabalhos etnográficos esclarece que a etnografia tem como objetivo, através de um olhar holístico, observar a forma em que grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas, com o intuito de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem.

De acordo com Geertz (1989, p. 4), a etnografia é o método típico para a pesquisa da Antropologia Social, a qual tem como objetivo buscar interpretação e significado da cultura. Segundo o autor:

“O que o etnógrafo enfrenta, de fato - a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados - é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico...escrever seu diário”. (GEERTZ, 1989, p. 7).

Assim, aplicar o método etnográfico requer um controle do pesquisador no sentido de que ele deixe bem claro, ao elaborar a análise, qual o ponto de vistaêmico e quando as teorizações são fruto de interpretações éticas. Observar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos¹ construindo cadeias de

¹ Numa jornada etnográfica, é realizada uma convivência do pesquisador com o povo durante um determinado tempo para a absorção deste cotidiano, podendo trazer histórias e informações únicas. No caso deste trabalho, as descrições são definidas como notas etnográficas, onde ocorreram visitas em determinadas épocas dos anos onde foi realizado o trabalho e não um período de convivência no local.

significação, o que supõe um investimento do observador na análise crítica de seu próprio modo de olhar (CARDOSO, 1986, p. 103).

Posey (1987, p. 23-24) sugere que para a obtenção de informações valiosas para a pesquisa etnobiológica, seria adequado perguntas mais abrangentes, de forma simplista, mostrando o objeto para o entrevistado, assim podendo expressar sua visão em relação ao mesmo, sem ocorrer chances de que o entrevistador interfira nas respostas com suas concepções já formadas.

Para Martinez (2007, p. 77) um dos instrumentos mais adequados para uma análise através do método etnográfico é o diário de campo, o qual foi usado em todas as saídas de campo desta pesquisa, considerando-o como o principal instrumento para registro de processos de observação etnográfica, permitindo enriquecer a relação teoria-prática através da observação. Trata-se de uma técnica de pesquisa de fontes primárias, tendo a teoria como uma fonte de informação secundária, a qual deve fornecer elementos conceituais para o trabalho de campo, e não o contrário. A teoria entra como filtro ou quadro de análise de uma informação obtida na linha direta da interlocução, de modo que a abordagem do campo não permaneça restrita apenas na descrição, tendo mais profundidade na análise.

O Diário de Campo é suporte de registro de informações a partir de observações que são geralmente acompanhadas de anotações que tem como objetivo destacar detalhes, características que envolvem o espaço físico da região estudada e dos sujeitos que habitam nela, o que inclui o comportamento, o cotidiano e situações que são interessantes para relatar na pesquisa.

Roberto Cardoso de Oliveira (1998), chama a atenção para a dimensão dialógica da interlocução com um interlocutor chave, com que tais relações de pesquisa se aprofundam. Na presente pesquisa, Mariza é a pescadora que toma papel principal na interlocução acerca dos conhecimentos que circulam em sua comunidade de pertencimento. Atendendo aos protocolos éticos, ela assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após uma apresentação pormenorizada da pesquisa, enfatizando sua participação voluntária na mesma. Dona Roza, outra interlocutora, concedeu sua permissão através de uma gravação durante uma das saídas de campo.

A observação participante que embasa a pesquisa consistiu de seis encontros etnográficos. Para a obtenção de informações foram realizadas seis saídas de campo, iniciadas no segundo semestre de 2017, ocorrendo pelo menos duas vezes por semestre. Estas saídas de campo foram agendadas de acordo com a disponibilidade das pescadoras. É interessante mencionar que entre estas saídas, houve encontros e conversas informais ao longo de todo o período.

As informações registradas no diário de campo foram utilizadas como base de dados para a elaboração de mapas através da metodologia de Geoprocessamento, a qual possibilita armazenar, manipular, atualizar, cruzar e analisar dados da realidade urbana e ambiental (DOMINGUES; FRANÇOSO, 2008, p. 8). Uma base de dados cartográficos é fundamental para o poder público formular propostas para amenizar problemas ambientais e socioeconômicos, evidenciando “territórios invisíveis do espaço das cidades e descobrir não apenas onde, mas o que define e estrutura cada lugar” (RAMOS et al. 2007, pg. 35-36).

Para a elaboração dos mapas foi usado o software livre Quantum Gis, o qual permite utilizar do georreferenciamento para a criação de mapas e vetores a partir de coordenadas geográficas. Os vetores foram construídos a partir de informações obtidas em campo acrescidos de vetores obtidos de fontes externas, como por exemplo, o vetor que indica a classificação de vegetação, disponíveis no ITCG. Tais vetores, por sua vez, têm como base imagens de satélite Landsat 8 que, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), são aportadas desde uma série de satélites, tendo captação inicial na segunda metade da década de 1960, a partir de um projeto desenvolvido pela Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA), dedicado exclusivamente à observação dos recursos naturais terrestres.

A imagem de satélite é disponibilizada gratuitamente pelo INPE no seu site oficial, a qual foi registrada no dia 28 de janeiro de 2019, servido de base no mapa fitogeográfico e sendo também base para a criação dos vetores do mapa de solos e declividade.

Num total foram elaborados três mapas, o mapa fitogeográfico, o mapa de relevo e solos da Baía de Guaratuba, e por último, como parte dos resultados, o mapa de territórios de pesca das pescadoras. Estes mapas tiveram como base a imagem do dia 18 de abril de 2019 do satélite do Landsat 8 disponibilizado pelo

INPE, combinado com vetores disponibilizados pelo ITCG, como os *shapefiles* que contém informações da fitogeografia, relevo e solos do Paraná. Foi priorizado um recorte para exibir informações focalizando a Baía de Guaratuba. O mapa de territórios de pesca das pescadoras, além de ter como base as fontes citadas anteriormente, possui dados batimétricos da Baía de Guaratuba, elaborados de acordo com o trabalho de Rafaela Zem et al. (2005) e do trabalho de Lilian Krug e Maurício Nornberg (2005), que trouxeram mapas batimétricos da Baía de Guaratuba anteriormente.

A tabela que exibe as espécies da ictiofauna e suas características conhecidas pelas pescadoras foi elaborada a partir do trabalho de campo e registro no diário de campo. Logo depois, durante as últimas saídas de campo, esta tabela foi levada para a conferência pelas pescadoras, a fim de averiguar as informações anotadas e complementá-las.

4 A BAÍA DE GUARATUBA PELAS LENTES DA GESTÃO AMBIENTAL: REGIÃO ONDE SE ENCONTRA O PORTO DE PASSAGEM

O Porto de Passagem encontra-se beirando a Baía de Guaratuba, região onde é praticada pesca e cultivo de ostras, além de possuir uma riqueza biológica, inserida na Mata Atlântica, numa região de manguezais. A pesca artesanal e esportiva, o turismo e a agricultura, marcada por lavouras de bananas, são as principais atividades realizadas na região, caracterizando o crescente desenvolvimento urbano nas regiões costeiras como uso e ocupação do solo em volta de baía (ZEM, 2005, p. 1).

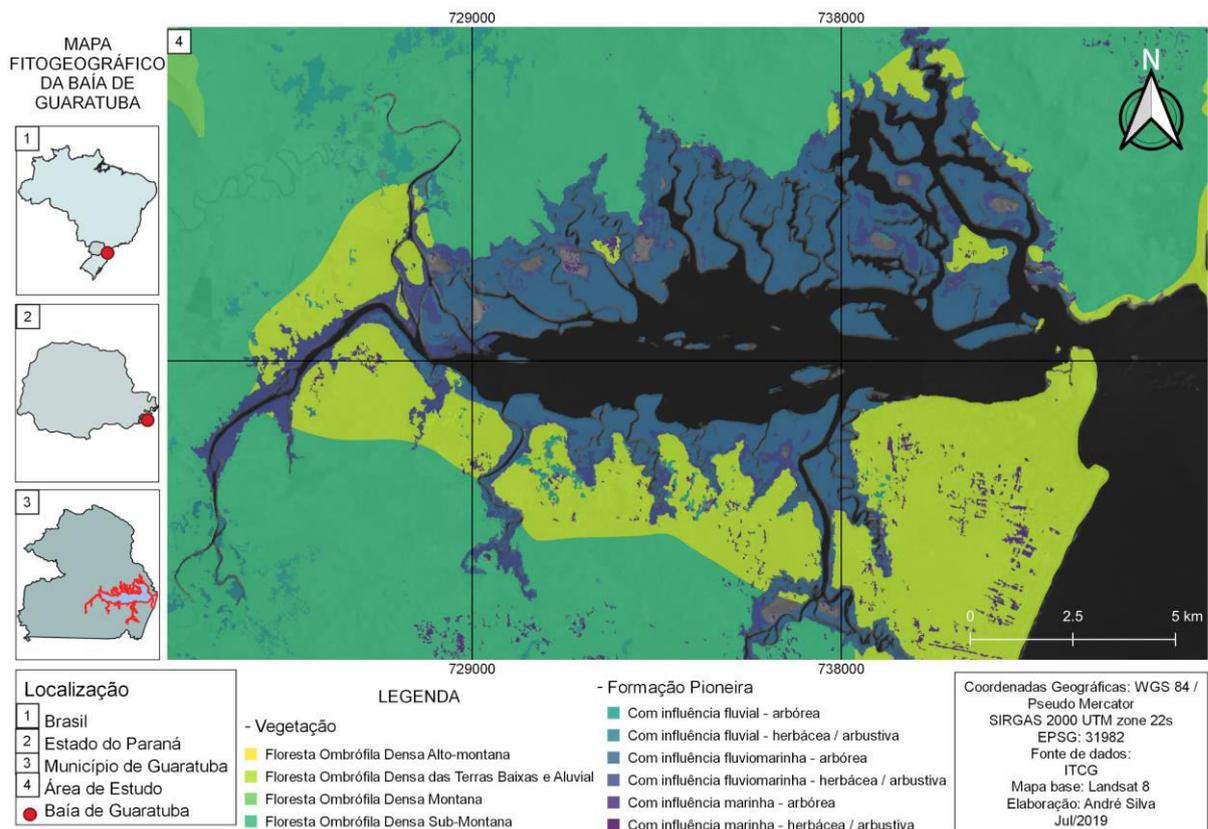
A Baía de Guaratuba está localizada na região sul do Estado do Paraná, possui uma área de 50,19 Km², sendo que o eixo principal, correspondente a sua maior porção, abrange parte do município de Guaratuba, ocupando 29% da área total da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaratuba (200.000 hectares) (IAP, 1996). Interligada pelo Oceano Atlântico por uma desembocadura que possui aproximadamente 500 metros, recebe água das bacias hidrográficas dos rios São João e Cubatão, acompanhados de manguezais bem preservados (ZEM, 2005, p. 1).

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), a Mata Atlântica é composta por formações florestais nativas (Floresta Ombrófila Densa; Floresta Ombrófila Mista, também denominada de Mata de Araucárias; Floresta Ombrófila Aberta; Floresta Estacional Semidecidual; e Floresta Estacional Decidual), e ecossistemas associados (manguezais, vegetações de restingas, campos de altitude, brejos interioranos e encaves florestais do Nordeste). De acordo com o SOS Mata Atlântica (2019), o bioma corre risco considerável, pois é a quinta área mais ameaçada e que possui mais espécies endêmicas do mundo, restando apenas 12,4% de sua cobertura da floresta original, indicado em seus dados mais recentes.

A região citada possui domínio ecológico da Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas (IBGE, 2012), característica por crescer em solos pouco favorecidos em nutrientes, geralmente arenosos, lençol freático raso (aproximadamente de um a dois metros de profundidade) e uma pequena camada superficial de húmus, aparecendo em áreas alagadas. É característico desta vegetação o crescimento de epífitas vasculares (espécies de plantas que crescem em galhos e troncos de

árvores sem vínculo nutricional). As árvores possuem o crescimento aproximadamente aos 25 metros de altura, com uma vegetação sucessora intensa. A Figura 2 exibe a fitogeografia² da região.

FIGURA 2: MAPA FITOGEOGRÁFICO DA BAÍA DE GUARATUBA



FONTE: O autor (2019).

De acordo com o mapa, que possui base no manual técnico do IBGE (2012) e no mapa temático fitogeográfico do Paraná, disponibilizado pelo Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná (ITCG), na região se encontra vegetações características de mangue, formações pioneiras com influência fluvial. A vegetação do manguezal tem como característica a sua má drenagem em relevos planos, alagados, com sua profundidade restrita à altura do lençol freático, possuindo uma altura de aproximadamente cinquenta metros, no máximo, devido à restrição da influência das águas das marés sob o solo. Na baía de Guaratuba,

² Distribuição dos tipos de vegetações, envolvendo fatores históricos e biológicos da região que os determinam.

as áreas de mangue não são usadas para agricultura e estão localmente cobertas pela vegetação natural.

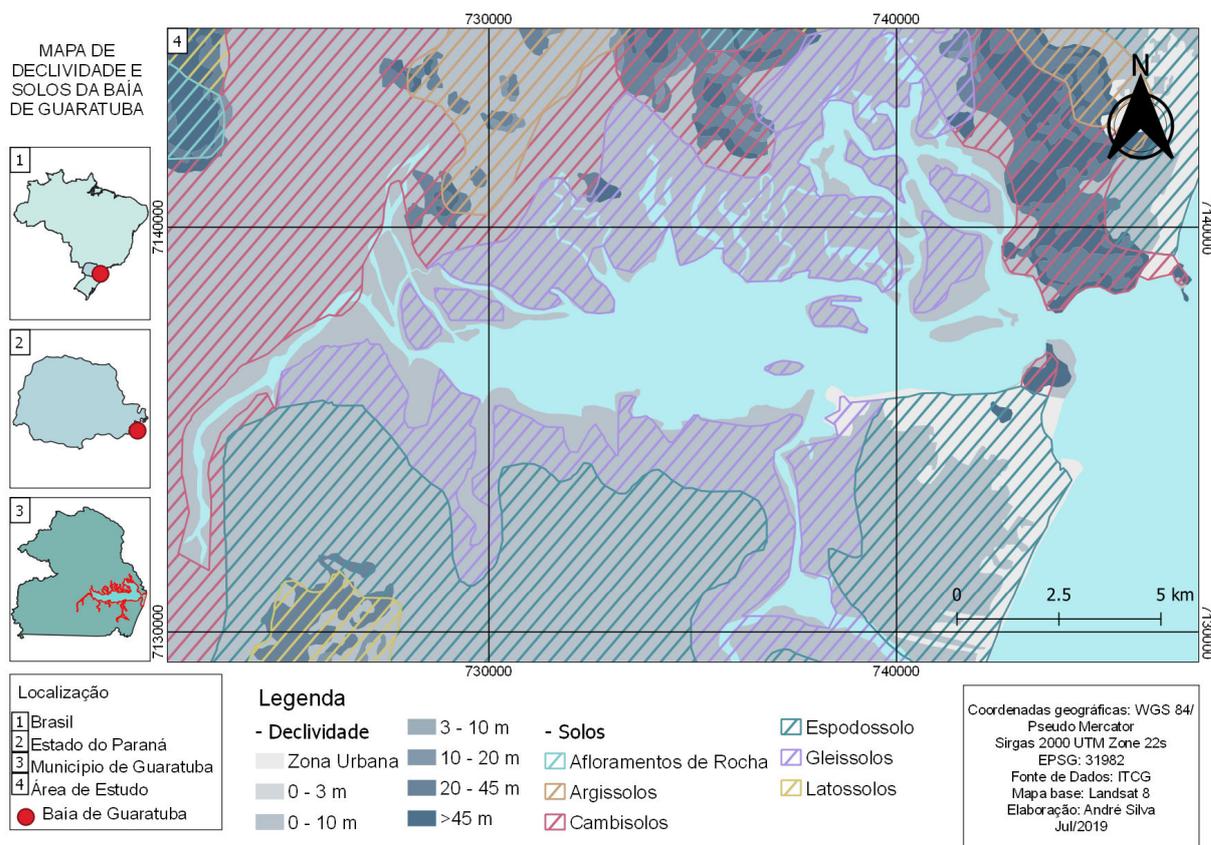
De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, a vegetação da Mata Atlântica possui forte vínculo com a umidade, devido ao clima da região, o clima tropical quente e úmido, sem período seco, com chuvas bem distribuídas durante o ano (excepcionalmente com até 60 dias de umidade escassa) e temperaturas médias variando entre 22° C e 25° C.

A região que contorna a baía de Guaratuba é submetida ao fluxo e refluxo de acordo com a maré, denominado como planícies de maré, ocorrendo ao longo dos rios São João, Boguaçu e Cubatão (ANGULO, 1992, p. 33). Os mangues da Baía de Guaratuba ainda estão bem preservados, mas por estarem interligados às bacias de drenagem da região, pode ocorrer interferência dos impactos de possíveis atividades que ocorrem nessas bacias. Deste modo, mesmo que protegidos perante a lei 12.651/2012³ (BRASIL, 2012), podem ser afetados por alterações que ocorrem em áreas que possuem conexão com o mangue, como a restinga, baixios e baía. Seu solo característico é encontrado nas margens da baía, na desembocadura dos rios. Sua ocorrência é nos locais onde há influência direta do fluxo e refluxo das marés, onde a diminuição da corrente da água possibilita o depósito de sedimentos finos devido à característica que o litoral possui de ser lodoso. A figura 3 exhibe os solos e a declividade da região:

3

Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa.

FIGURA 3: MAPA DE DECLIVIDADE E SOLOS DA BAÍA DE GUARATUBA



FONTE: O autor (2019).

A partir do mapa, é possível visualizar três solos que predominam ao redor da Baía de Guaratuba: Gleissolos, geralmente ocorrendo em relevo plano de várzea, associados aos mangues e baixos cursos de rios, com característica hidromórfica. Por isso normalmente apresentam gleização⁴ onde a tipologia vegetal é representada por fragmentos em fase inicial de sucessão, áreas de reflorestamentos e de floresta ombrófila densa de terras baixas em solos hidromórficos; Espodossolo, cuja característica principal é o hidromorfismo e a textura arenosa, sendo bastante suscetível à erosão quando descoberto de vegetação, comportando florestas em fase intermediária de sucessão em florestas ombrófila densa submontana, montana e aluvial ou fluvial. Por fim, nas áreas mais altas e montanhas, é predominante o Cambissolo, característico por ser argiloso, onde as vegetações que habitam este solo são próprias das florestas ombrófila densa submontana e montana (EMBRAPA, 2013; ITCG, 2010).

⁴ Termo usado para um solo permanentemente ou periodicamente saturado por água.

Na Ictiofauna (espécies de peixes) da Baía de Guaratuba são predominantes os paratis, bagres, pescadas, betara, robalos, corvina e, principalmente, a tainha. Já os crustáceos mais presentes são os caranguejos, siris, os camarões sete-barbas e o branco, além de moluscos como ostras, mariscos e mariscos. O biguá é a ave que pode ser observada em grandes bandos em ilhas dormitório ou em atividades altas, além de também contar com a presença de espécies migratórias provenientes de regiões setentrionais e meridionais, principalmente de setembro a abril, e de maio a setembro, além de espécies que vivem nos oceanos também serem avistadas abundantemente nos estuários, pois o utilizam durante certo período do ciclo de vida para crescimento, alimentação e reprodução⁵.

⁵ Informações disponibilizadas no site da Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em <http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=129>.

5 A COMUNIDADE DO PORTO DE PASSAGEM E AS MULHERES PESCADORAS

O Porto de Passagem foi um lugar por onde sempre cruzei, enquanto perambulava pela região do Cabaraquara. Durante minha infância, sempre surgia a curiosidade, que tipo de pessoas moravam naquelas casas? Deduzia serem pescadores, devido aos seus barcos e apetrechos à mostra, sem imaginar quanta história poderia ter naquele lugar.

FIGURA 4: PORTO DE PASSAGEM, GUARATUBA, LITORAL DO PARANÁ



FONTE: O autor (2017/2018).

LEGENDA: Imagens registradas durante saídas de campo.

Thaís Fusík, colega de sala de aula, atual amiga, foi meu primeiro meio de entrada nesse lugar, possibilitando conhecer melhor o Porto de Passagem. Thaís compartilhou comigo a informação de que possui família no Porto de Passagem, em certa ocasião, quando lhe confidenciei meu apego por aquela localidade. Comentou que a maioria de seus parentes moram no Porto de Passagem: são pescadores, disse-me ela, e destacou o fato de que mulheres de sua família também embarcam para a pesca. Na conversa com Thaís, abriu-se um horizonte que abrangia tanto minha afeição ao Porto de Passagem, quanto meu interesse pelo tema das mulheres vinculadas à atividade pesqueira. De fato, o que é evidenciado no Porto de Passagem são mulheres que praticam ou praticaram a pesca ativamente, saindo em alto-mar e adentrando na Baía de Guaratuba no seu dia-a-dia. Ao refletir sobre o fato de nunca ter pensado em mulheres embarcadas, pude perceber o problema entrelaçado a este cenário: a invisibilidade das mulheres no trabalho da pesca.

Minha única percepção sobre mulheres pescadoras era de viabilização de meios para a pesca como o conserto dos apetrechos e instrumentos de pesca e a fabricação de alguns deles, como rendas e anzóis, limpar os peixes capturados e crustáceos capturados. Mas mesmo desta forma, as mulheres pescadoras quebram o estereótipo de que a atividade pesqueira é apenas um trabalho masculino (DA SILVA, 2012, pg. 3). Aquela primeira percepção sobre a opacidade das mulheres no universo da pesca foi mudando na medida em que comecei o levantamento bibliográfico, através do qual obtive informações sobre o tema, abrangendo o reconhecimento de movimentos de empoderamento, com mulheres pescadoras liderando e se organizando para mostrar seu trabalho e lutar por seus direitos. Um exemplo de movimentos que tive o prazer de conhecer é o MOPEAR (Movimento de Pescadores e Pescadoras do Litoral do Paraná) e o PEART (Pescadoras Artesanais do Paraná), o qual compõe o MOPEAR, composto apenas por mulheres pescadoras. Pude ouvir e conhecer Elisangela da Silva Nunes, líder do PEART, durante uma palestra num evento organizado pelo PET Litoral Social, um projeto de ensino, pesquisa e extensão da UFPR Litoral.

Afinal, com base nos estudos realizados na primeira parte do trabalho de pesquisa, os dados de realidade advindos desse contexto reafirmavam a premissa de que as pescadoras expressam uma perspectiva a partir da prática da pesca artesanal baseada na conservação e na sustentabilidade do meio onde vivem, essencial para a continuidade do seu trabalho e permanência na região e possuem ciência desse seu conhecimento e poder (CATELLA et al. 2012, p. 2).

Motivado por estas questões, buscando contribuir na luta pelo reconhecimento dos saberes e trabalho dessas mulheres, a partir de seus contextos, citando o ponto que se situa o problema da invisibilidade da mulher pescadora e trazendo o destaque sobre seus conhecimentos profundos sobre o local em que vivem, desafiado por uma metodologia capaz de lançar luz sobre tais conhecimentos, é que entrei em campo, no Porto de Passagem, através da Thaís, começando as minhas conversas com a Nega (Mariza), que me introduziu ao conhecimento dos saberes-fazeres destas mulheres.

5.1 PRIMEIRA SAÍDA DE CAMPO: UMA RECEPÇÃO CALOROSA AOS SABERES-SABORES DO MAR!

Entusiasmo e receio, eram sentimentos que faziam parte de mim durante a primeira visita, o primeiro campo. Entusiasmado por adentrar num mundo de conhecimentos que busquei, podendo ver ao vivo. Receoso por medo de ser invasivo, até um pouco tímido, mas essa sensação foi abatida por uma recepção calorosa, sem cumprimento, já me convidando fervorosamente para comer ostras. Conhecida como Nega, Mariza, tia de Thaís, estava animada ao saber que queríamos conhecer seus saberes, contando sobre vários fatos do seu dia-a-dia aleatoriamente. Um dos principais aspectos da hospitalidade nestas comunidades é o bem-querer de quem recebe, ou seja, um dos fatores principais para que haja a hospitalidade é o exercício da reciprocidade, a comunidade deseja que o convidado compartilhe do seu modo de vida, gerando um campo de troca, que pode ser alimentado pelo simples fato de querer agradar o outro ou ampliar-se com a finalidade de suprir uma necessidade ou de prestar um serviço (SCORSATO, 2006, p. 86).

FIGURA 5: VISTA A PARTIR DO QUINTAL DE MARISA (NEGA)



FONTE: O autor (2018/2019).

LEGENDA: Imagens registradas durante saídas de campo que demonstram a proximidade das pescadoras com as águas da Baía de Guaratuba.

O primeiro registro de informação no diário de campo é sobre a reiterada menção aos ciclos da lua nas narrativas da Nega. De fato, há um grande vínculo com os ciclos da lua, no qual baseia-se um amplo leque de afazeres da rotina do dia a dia, que seguem de acordo com as fases lunares.

Este aspecto de conhecimento e prática social baseada nos ciclos da lua, aplicados à atividade pesqueira, foi também registrado em um estudo realizado na Baía de Paranaguá por Godefroid (2018, p. 53). Este autor observa e menciona estudos anteriores que igualmente revelam que a fase lunar pode influenciar a composição específica da ictiofauna de uma região sendo pela variação provocada na iluminação noturna (DENIS e ROOKER, 1991, p. 53).

Segundo Nega, a lua é importante para tudo: na pesca, na plantação, até no corte de cabelo. Na lua nova e cheia, o trabalho de parto é menos doloroso. Na minguante e nova, é mais dificultoso. Na pesca tudo acontece nesse sentido, com base na lua. Nesse sentido, Nega já determina também os dias que sairá para pescar. Afirma também que a lua era considerada nas práticas de cultivo, e que sua família tomava a lua em consideração nas práticas do roçado, fazendo o plantio variado, no período anterior à criação das áreas protegidas na região.

Nega comenta que a mandioca era o principal item de cultivo e que, além da pesca, o cultivo de mandioca também se baseia nas fases da lua, conhecimento que é passado de geração para geração. Segundo Diegues (2000, p. 20), as comunidades caiçaras, que vivem na Mata Atlântica, possuem vínculo com a roça, onde geralmente plantam mandioca, pés de banana, limão e outras frutíferas. Este outro autor também observou que o conhecimento das pescadoras está subentendido na simbologia do espaço natural e nas forças míticas da natureza, respeitando ciclos lunares para a pesca, caça e agricultura (SCORSATO, 2006, p. 80).

Na região da Baía de Guaratuba, onde se localiza o Porto de Passagem, a maioria destas atividades relacionadas ao plantio foram limitadas com a criação do Parque Nacional Saint Hillaire Lange, instituído pela Lei nº 10.227, de 23 de maio de 2001. Apesar de trazer benefícios para a conservação da biodiversidade, por exemplo, ao resultar na diminuição da especulação imobiliária (DIEGUES e NOGARA, 1999, p. 18), a criação do parque, não apenas no litoral do Paraná, mas em outros contextos similares, é origem de conflitos socioambientais envolvendo o acesso ao território pelas comunidades tradicionais que habitam as áreas sobrepostas pelos parques.

Segundo Diegues e Nogara (2005) a conservação do mundo natural através da criação de áreas protegidas se tornou um dos objetivos principais das políticas públicas relacionadas ao meio ambiente. Tais políticas envolvem o

deslocamento de antigos moradores destas áreas, incluindo comunidades de cultura caiçara, ocorrendo opressão destes grupos sociais. Tais políticas entram em contradição com correntes do pensamento ambientalista, uma vez que atualmente é aceito por grande parte dos cientistas o argumento de que a presença destas comunidades dentro dos parques não necessariamente leva à destruição, ao contrário, o manejo tradicional representa uma contribuição para o êxito dessas áreas protegidas. A pesca, nesse contexto, aparece como remanesce entre as atividades das comunidades afetadas por políticas ambientais.

Com esses estudos em mente, na primeira oportunidade de diálogo mais aberto com Nega, perguntei sobre o significado e importância da pesca em sua vida. E ela me respondeu:

Eu pesco desde pequena com meu pai e minhas irmãs, ele levava a gente cedo pra pescar pra ajudar ele. Até hoje acordo lá pelas cinco horas da manhã para pescar, passo o dia pescando e volto na tardezinha com os peixes, quase sempre sozinha. Antes a Jussara também pescava, mas agora não pesca mais, está cuidando da família. (Nega, pescadora).

Foi notável o brilho em seu olhar, e o leve sorriso esboçado ao falar sobre a pesca, e também sobre os cuidados necessários para não prejudicar o crescimento dos peixes:

Toda vez que pesco, solto os peixes pequenos né, pra que pegar? Depois não vai ter mais peixes grandes quando for pescar. (Nega, pescadora).

Este conhecimento, que integra os modos de produção dos pescadores artesanais (Diegues, 1995, p. 150), pode contribuir para o saber científico, sobretudo para diminuir as atuais deficiências no entendimento da relação entre as atividades ecossistêmicas e humanas.

Nega comenta que atualmente cuida de uma casa de veraneio durante a semana, próxima da prainha de Guaratuba, para poder ajudar em sua renda. Por influência de alguns fatores, como o turismo e a urbanização, os pescadores do Porto de Passagem e também outros da região, foram levados a buscar outros tipos de trabalhos além da pesca. Ao comentar sobre o tal

abandono lento, progressivo e silencioso do trabalho na pesca, Nega afirma que as novas gerações não se interessam mais pela prática da mesma. Este evento pode ser considerado como influência do sistema econômico atual, o qual tem como base um modelo padronizado que, através da cultura de massas, tomam controle sob sua audiência, sem questionamento ou valorização das diferenças culturais. Como observam Horkheimer e Adorno (1985, p.58), a promoção publicitária e a produção em série possuem o efeito da homogeneização dos padrões de comunidades. A indústria cultural é um dos fatores que ocasionam este fenômeno, descrita através da perspectiva da obra de Horkheimer e Adorno por Da Costa (2010) como:

É o conjunto de meios de comunicação como, o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos. (DA COSTA, 2010, p. 2).

A indústria cultural investe na representação e difusão dos objetivos do sistema econômico atual, envolvendo a replicação da arte, transformando-a apenas em objeto para o consumo induzido, perdendo seu valor cultural, buscando alcançar, através da cultura de massa, uma cultura homogênea na sociedade para ter um controle mais fácil da mesma, de forma geral, baseando-se na ideia de que todos os sujeitos terão reações de forma igualitária de acordo com uma situação aleatória presente (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p. 57).

Com base na premissa citada, tal modelo resulta na massificação cultural, contribuindo para a redução da diversidade e da cultura, tais como a prática da pesca artesanal.

Entre os fatores que levaram a redução das populações pesqueiras, Nega cita o impacto da inserção da balsa/ferry boat na Baía de Guaratuba, terminando seu relato afirmando que a quantidade de peixes capturados não é mais como antigamente na região.

5.2 SEGUNDA SAÍDA DE CAMPO: O INÍCIO DE UMA AMIZADE.

As visitas ao Porto de Passagem ficaram mais frequentes, mesmo que fosse para apenas para um cumprimento. Toda vez em que estava pelos arredores de Guaratuba, passava no Porto de Passagem para cumprimentar Nega e sua família. Num destes dias perdidos, perguntei se poderia, durante a semana, encontrá-la para conversar, e ela confirmou a visita. Numa terça-feira, a encontrei no caminho de sua casa. Quase havendo um desencontro, pediu para que eu a acompanhasse até a casa que ela cuidava durante a baixa temporada (inverno).

Levei imagens de espécies de peixes endêmicas da Baía de Guaratuba e do Litoral do Paraná, sem nomes, apenas uma imagem de cada espécie. Ao mostrá-la, Nega já foi citando o nome de cada um:

Esse aqui é o Parati, e esse é o Bagre, o que você mais acha no fundo. Cação é só em alto-mar, só peguei com meu pai e esse já é o robalo, mas tem dois tipos, o robalo flecha e o robalo peva... (Nega, pescadora).

Nega toca novamente no assunto sobre as novas gerações que não se interessam mais pela pesca e comenta, com esperanças, sobre sua neta que gosta de acompanhá-la na pesca e busca aprender sobre essa prática. Aproveito a oportunidade e pergunto a ela sobre sua infância. Começa a contar, escrevendo no meu diário de campo o nome dos peixes, algumas histórias até bem íntimas e engraçadas sobre suas pescarias com seu pai e seus irmãos iniciados no breve amanhecer.

Sobre a ictiofauna, no inventário de espécies que fazem parte do repertório de itens pescados por Nega, as imagens referentes às espécies de peixes foi a base para a elaboração da tabela de espécies descritas pelas pescadoras. Essa tabela foi complementada com a seguinte pergunta: “Existe alguma outra espécie que você conhece e pesque além destas mostradas nas imagens?”. A pescada e a salteira foram duas espécies mencionadas, complementando a pesquisa por imagens.

Nega foi a porta-voz das outras pescadoras, as quais conheci também. Muitas das informações e relatos citados neste trabalho também abrigam contribuições de outras mulheres pescadoras.

5.3 TERCEIRA SAÍDA DE CAMPO: GRANDES MULHERES EMBARCADAS!

A terceira saída de campo foi marcada por um café da tarde, um convite feito pela avó de Thaís, Dona Roza, tia de Nega. Thaís aproveitou a oportunidade para gravar parte de seu documentário com Dona Roza, tal documentário que terá como foco as mulheres pescadoras do Porto de Passagem, também.

FIGURA 6: PÉ DE MORRO! O LAR DE DONA ROZA



FONTE: O autor (2018).

LEGENDA: Registros da terceira saída de campo, durante um café no final de tarde.

Atualmente Dona Roza não pesca mais, devido a sua idade, mas a partir de seu relato, afirmou que pescava sozinha, embarcava em sua canoa e ia pescar na baía. As pescadoras geralmente procuram pescar adentro da baía, onde possuem maior agilidade e menor necessidade do auxílio de terceiros para a pesca, mas ainda há casos de pescadoras que vão para alto-mar. Para elas, a baía são águas calmas, onde pode-se pescar facilmente, identificando como um lugar como sua casa. Já em alto-mar, no caso, fora da baía, é uma área de maiores riscos, onde as pescadoras não vão com tanta frequência, devido as ondas fortes, uma longa e perigosa jornada, sempre priorizando a família. Mas para Dona Roza, quando havia saídas para pescar em alto-mar, ela se “intrometia” no meio dos homens e partia na aventura:

A vizinhança me chamava de “mulher macho” (risos) só porque eu ia pescar junto dos homens (Dona Roza, aposentada).

Este apelido vem da perspectiva de senso comum de que pescarias mais longas, no mar, fazem parte geralmente de uma atividade masculina, cabendo às mulheres as atividades em terra (MALDONADO, 1988). Segundo Gerber (2013):

[...] o trabalho atribuído às mulheres, como limpeza, evisceração, descasque, embalagem, transformação – afora as embarcadas, que causam surpresa e descrença sobre sua existência – não é devidamente considerado trabalho da pesca, mas uma obrigação de mulher de pescador. Ainda é forte a visão segundo a qual quem atua na pesca e, principalmente, quem embarca, é homem (GERBER, 2013, p. 34).

Isto é um reflexo de uma construção social de um modelo hegemônico de ideologia machista, justificado pela divisão sexual do trabalho naturalizada, que aparece em outros setores também da vida social, onde o homem se sobrepõe à mulher. Torna-se notável em um ramo que, conforme as representações convencionais e hegemônicas, a pesca é associada aos pescadores, hábeis e corajosos homens capazes de enfrentar o mar distante e seus perigos (MANESCHY et al. 2012, p. 724).

Mas no caso das pescadoras do Porto de Passagem, principalmente sobre Nega, elas possuem consciência sobre o quão importante é o trabalho que praticam, mesmo ainda vigorando a ideologia patriarcal e machista ao redor. Maneschy et al. (2012, p. 724) comenta sobre pescadoras em movimento que criam suas próprias versões de empoderamento e conscientizam-se de sua presença objetiva em curso no processo da pesca, desestabilizando noções como as de que são “ajudantes” ou “dependentes”.

Dona Roza é mais uma mulher que teve que enfrentar o machismo árduo na sua juventude, para poder trabalhar, quando mostrou que é capaz de executar o mesmo trabalho que um homem, tão capaz de se aventurar no mar junto deles. Enfim, a visita na casa de Dona Roza não se estendeu por muito tempo, mas foi especial, principalmente por sermos recebidos de forma carinhosa, cheia de histórias e com um café quentinho, moído na hora.

5.4 QUARTA SAÍDA DE CAMPO: A IDENTIDADE DE UMA PESCADORA MULHER!

A quarta saída de campo foi a mais marcante. Combinado anteriormente com Thaís, fomos visitar Nega e sua família. Foi o campo mais longo, qual

passamos o dia com Nega. Encontramos Nega chegando de barco de uma de suas saídas para pescar, atracando o barco e nos chamando para mostrar o que pescou. Havia alguns pescadores em sua volta e o rapaz que entrega gás, que estava lá na hora por acaso.

FIGURA 7: RETORNO COM OS PESCADOS



FONTE: O autor (2019).

LEGENDA: Imagens que registram a autonomia de Nega.

O rapaz do gás, espantado, perguntou para Nega se ela foi sozinha pescar. Nega respondeu com normalidade: - "Fui sim, e olha o que eu trouxe". Em seguida, mostrou os peixes que capturou. Nega olhou desapontada para um dos peixes que era pequeno, comparado com os demais, e comentou: - "Olha que pena, peguei este sem querer", e logo em seguida, foi questionada pelo rapaz do gás novamente sobre ela não querer capturar peixes de porte pequeno (filhotes):

Se toda vez que for pescar e pegar os peixes pequenos, não vai ter mais adultos, vai atrapalhar tudo, já basta esses barcos maiores que pegam tudo quanto é tipo de peixe sem saber o que estão fazendo. (Nega, pescadora).

Segundo a pescadora, ao capturar filhotes com frequência, afirma que irá afetar negativamente o reaparecimento da espécie no local. Tal conhecimento faz parte de informações teórico-práticas sobre como manejar, conservar e utilizar os recursos naturais de maneira mais sustentável que pescadores e outras comunidades que lidam diretamente com o meio ambiente possuem (COSTA-NETO e MARQUES, 2000, p. 2). Outro conhecimento evidenciado durante esta saída é sobre o reconhecimento do sexo das espécies. Nega comenta que havia

capturado mais peixes machos no dia, e eu pergunto para ela como ela sabia. Em resposta, afirmou que diferenciava o sexo das espécies pela ova: - “Olha, esse é robalo macho, não tem ova”.

Há registro na literatura consultada de que, para os pescadores, a diferenciação entre os peixes machos e fêmeas é feita através da observação da ova do peixe, pois segundo eles não existe outra maneira de se distinguir entre machos e fêmeas (RAMIRES et al. 2007, p 106). Na obra de Vazzoler (1996, p. 22), a autora confirma que a maior parte das espécies de peixes não possuem características sexuais secundárias, sendo necessário dissecar os indivíduos para a observação das gônadas⁶ e identificação do sexo.

Nega comentou que o peixe pescado por elas é consumido no dia da captura, o pouco que sobra é congelado. Geralmente pescam numa quantidade maior quando algum conhecido pede para comprar delas algum peixe pescado no dia.

No final da tarde, Nega fritou parte dos peixes pescados no dia para comermos no café da tarde, enquanto conversávamos. Mesmo buscando informações sobre a pesquisa, abordamos sobre vários assuntos aleatórios, até sobre a variedade de animais em sua casa, o que incluía patos, galinhas, vários cachorros e até um papagaio, o que mostra que criamos um vínculo de amizade.

5.5 QUINTA E SEXTA SAÍDA DE CAMPO: O ENCERRAMENTO DE UM CICLO

As últimas visitas tiveram o objetivo de buscar informações para complementar o que já se tinha obtido, como no caso da tabela de espécies. Durante a penúltima visita, pedi para que Nega conferisse se estava tudo de acordo com o que ela sabia. Enquanto ela conferia, tomávamos café e eu conversava com seu marido.

⁶ Órgãos onde os organismos multicelulares produzem as células sexuais, os gametas, necessárias para a sua reprodução.

FIGURA 8: EXERCÍCIO DA RECIPROCIDADE



FONTE: O autor (2019).

LEGENDA: Registro de um dos últimos finais de tarde na casa de Nega.

Por final, durante a última saída de campo, foi o dia em que eu perguntei sobre os seus lugares preferidos para pescar e detalhes sobre isso, seguido de agradecimentos por todo trabalho que fizemos juntos. Além de ter ido para obter informações para elaborar o mapa de territórios de pesca, também fui com o objetivo de expressar minha gratidão, e percebi o quão próximos estávamos. Reconheci que uma grande amizade ganhei nesses últimos tempos. Nega se despediu já trazendo um convite para um café, sem compromissos acadêmicos, da próxima vez.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pescadoras do Porto de Passagem, como registrado anteriormente, buscam e desenvolvem outras atividades para completar a renda. Uma destas atividades é a prestação de serviços em casas de veraneio, como no caso de Nega, que trabalha numa destas na Prainha de Guaratuba, além de que, em poucos casos, pratica atividades relacionadas ao turismo, atuando como guia de passeio com turistas de pesca esportiva.

Mesmo desenvolvendo outras atividades, Nega ainda mantém um contato complexo com o ambiente natural onde vive, apesar de Jussara e Dona Roza não manterem um vínculo tão forte atualmente. Vínculo qual envolve valores,

tradições, crenças religiosas e percepções que permanecem na cultura e exercem um papel fundamental na vida destas mulheres, percepções de acordo com a premissa de Diegues (1988) e um exemplo de vínculo relacionado aos saberes da lua no qual citei o trabalho de Godefroid (2018).

6.1 ETNOESPÉCIES

Buscar o saber das pescadoras do Porto de Passagem sobre a ictiofauna da Baía de Guaratuba foi um dos objetivos deste trabalho. Nega contribuiu para obter o nome das espécies e suas características de acordo com a Quadro 1:

QUADRO 1: PERSPECTIVA DAS PESCADORAS SOBRE A ICTIOFAUNA

Nome popular	Apreciação	Habitat segundo pescadoras	Frequência (de acordo com época)	Técnica
Pargo	Normal	Laje de pedra	Alta	Linha
Robalo-flecha	Muito Alta	Canal/Rio	Baixa	Linha
Robalo-peva	Alta	Canal/Rio	Alta	Linha
Linguado	Alta	Alto-mar e Baía	Médio	Linha e rede
Peixe Espada	Alta	Beira de Barranco	Alta	Linha
Parati	Normal	Costa de mangue	Alta	Rede
Baiacu	Normal	Baixio e Beira de Barranco	Alta	Linha
Cação	Normal	Alto-mar	Baixa	Rede
Bagre	Normal	Fundo de Baía	Alta	Linha e Rede
Anchova	Alto	Alto-mar	Baixo	Linha e Rede
Salema	Normal	Pedras e Fundo de Baía	Baixo	Linha
Badejo	Normal	Laje de Pedra	Baixo	Linha
Badejo Mira	Normal	Laje de Pedra	Baixo	Linha
Carapeba branca, Acará-peba (Caratinga)	Alto	Canal	Alta	Tarrafa
Betara	Alto	Fundo de Baía	Alto	Linha
Tainha	Alto	Baía	Muito Alto	Rede e Tarrafa
Pescado	Alto	Baía	Alto	Rede e Linha
Salteira	Alto	Baía e Alto-mar	Alto	Rede e Linha
Corvina	Normal	Fundo e meia-água	Médio	Linha

Fonte: Relatos de Nega (Marisa) e Jussara (2017/2019).

As pescadoras do Porto de Passagem expressaram um grande conhecimento sobre a ictiofauna da localidade em vários aspetos, como por exemplo: épocas de reprodução, características morfológicas, épocas de

reprodução e captura, entre outros. Segundo as pescadoras, os peixes mais abundantes não necessariamente são os mais apreciados, mas ressaltam sobre ainda ser capturados com alta frequência os peixes de alta apreciação de acordo com sua época. De acordo com Nega (Marisa), o Robalo-peva é o mais cobiçado entre os pescadores e pescadoras do Porto de Passagem, além disso, a comunidade aparenta não desgostar de nenhuma espécie citada, tendo como base as expressões das pescadoras durante os diálogos, nas saídas de campo.

A tainha é um dos destaques das espécies citadas durante as conversas, pois vive a maior parte de sua vida na região sul do país, e durante sua época de reprodução migra para o sudeste do Brasil, incluindo o Litoral do Paraná. A pesca da tainha possui como característica ser uma atividade econômica singular entre aquelas que envolvem a exploração artesanal dos recursos naturais do litoral do Estado do Paraná (CORREA et al. 1993, p. 122). É característico as praias paranaenses ganharem uma movimentação especial durante a época da tainha, época que se difere da rotina relativa aos demais recursos (DE PINA e CHAVES, 2005, p. 104). Segundo pescadores e pescadoras do local, aumentam a atividade da pesca durante essa época, pois é motivo de festa em várias cidades da região, como em Paranaguá e Praia de Leste. Atualmente, chegaram a reclamar da escassez da espécie nos últimos anos, mas alegaram que este ano a captura foi farta.

A espécie que é menos capturada é o cação, pois as pescadoras afirmaram que só o capturam em mar aberto (COSTA, 2006, p. 3), de forma geral, poucos pescadores e pescadoras possuem como objetivo a captura de cação. Alegam sua preferência sobre as áreas de estuário aos rios, pois mencionam que estas áreas possuem maior abundância de peixes, tanto marinhos, como de água doce.

Dentre as espécies capturadas, Nega (Marisa), comenta sobre seu conhecimento das técnicas de limpar, para evitar que o veneno entre em contato com a carne, retirando o “saquinho” do peixe. O baiacu é uma das espécies que a maioria dos pescadores e pescadoras descartam devido ao risco de envenenamento, pois os acidentes pela ingestão de baiacus se dão através da tetrodotoxina, uma potente neurotoxina capaz de paralisar a musculatura corporal podendo provocar óbito (HADDAD, 2003, p. 595).

No trabalho de Prado et al. (2017, p. 10) com uma comunidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Barra do Una, em Peruíbe, pescadores definem

o baiacu como um tabu alimentar, “não saber limpar “e ser “venenoso”, pois “não saber limpar” refere-se a não saber retirar o veneno do animal, e não por uma característica física que dificulte o preparo da espécie.

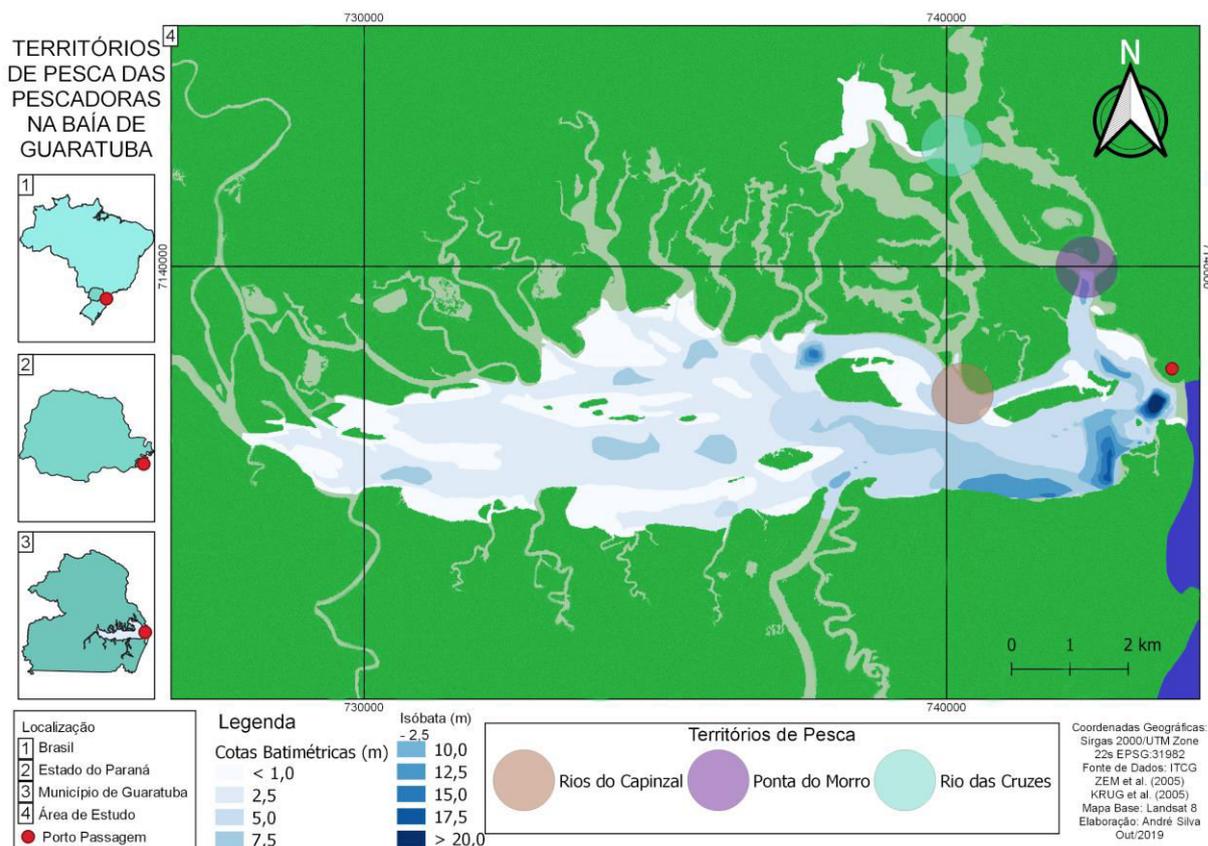
Em relação a sazonalidade, as pescadoras comentam não ter diferença significativa nas épocas do ano para a captura de determinadas espécies, o bagre é um exemplo e tendo como exceção a tainha. Diferenciam as épocas do ano na questão da pesca entre verão (outubro a março) e inverno (abril a setembro), sendo que o início do período de inverno é marcado pelo aparecimento das tainhas.

Por final, foi opção metodológica nesse trabalho, não mencionar a classificação taxonômica das espécies, tendo como foco apenas os nomes citados pelas pescadoras, as etnoespécies.

6.2 TERRITÓRIO DE PESCA

De acordo com as informações de Nega, o território de pesca das pescadoras articula três espaços na Baía de Guaratuba. A figura 9 exhibe os espaços que integram esse território de pesca:

FIGURA 9: MAPA DE TERRITÓRIOS DE PESCA DAS PESCADORAS NA BAÍA DE GUARATUBA



FONTE: O autor (2019).

No mapa acima aparecem identificados cartograficamente os três espaços territoriais mencionados por minha interlocutora: o primeiro foi denominado por ela como Rios do Capinzal, tendo este nome devido às pescadoras intercalarem seu trânsito pesqueiro entre os rios da localidade; o segundo, mais ao norte, foi denominado como Ponta do Morro, possui fama de ser um local em que a pesca é mais difícil, com uma menor captura relativa de peixes; e o último é o Rio das Cruzes, famoso caminho que articula o fluxo entre os moradores da região, e que leva até a comunidade do Salto do Parati. Os espaços integrantes do território de pesca são relativamente próximos uns dos outros, além de estarem interligados, estão próximos do Porto de Passagem.

Os círculos que representam os espaços territoriais no mapa não limitam necessariamente sua demarcação, mas representam a prática da pesca naquela localidade e seu entorno, pois sua prática depende de vários fatores, como o tempo e a época de determinada espécie de peixe. Cabe ressaltar que essa

pesquisa não permite encerrar a investigação sobre o território pesqueiro de mulheres residentes no Porto de Passagem, pelo contrário, abre o tema e configura um ponto inicial a futuras investigações. Sendo assim, os pontos mapeados devem ser compreendidos como extensões de um contínuum, como espaços fluídos, indicando que seu trajeto pode adentrar nos rios ou no corpo da baía, eventualmente.

Os espaços territoriais se caracterizam por serem de águas rasas, de cinco a menos de um metro de profundidade, e Nega afirma que nessas localidades é onde ela consegue uma maior variedade de espécies, sendo mais frequente o peixe espada, robalo e a corvina.

Uma metodologia similar foi adotada por outros autores para o levantamento etnográfico dos espaços relacionados aos territórios das populações tradicionais (e. g. POSEY, 1987; FREITAS, 2005).

6.3 MULHERES PESCADORAS

Atualmente, mesmo que a questão de gênero tenha surgido com mais frequência em discussões acadêmicas acerca da temática investigada ou, alternativamente, que os estudos focalizando a pesca artesanal venham aportando contribuições ao debate sobre gênero, ganhando relevo dentro e fora da academia (MANESCHY et al. 2012, p. 716), ainda é necessário trazer o assunto à tona.

As pescadoras que integram essa pesquisa possuem uma idade mínima de 30 anos, ou seja, são mulheres adultas. Sobre esse ponto, cabe registrar que não foi observada a prática de pesca entre mulheres mais jovens, o que é confirmado por Nega. Segundo Nega, as novas gerações não buscam mais a pesca como fonte de sustento. Entretanto, ela refere com satisfação que sua neta tem grande interesse nos assuntos da pesca, ouvindo e observando com atenção a avó durante seus afazeres pesqueiros dentro ou fora de casa. Nega afirma que reconhece esse interesse e que, em várias situações, ela se dedica a ensinar técnicas e saberes de pesca para a neta. Poderíamos, sobre esse ponto, considerar que há uma tradição viva de pesca entre essas mulheres, e que os saberes-fazeres envolvido na pesca por mulheres estão circulando entre as gerações de mulheres que compõem o grupo social no Porto de Passagem,

embora nem sempre tais saberes-fazerem assumam uma expressão prática aparente.

Na questão da escolaridade, de forma geral, as pescadoras do Porto de Passagem possuem o ensino fundamental incompleto. No caso de Nega, ela buscou terminar o restante do ensino fundamental, em sua fase adulta.

É perceptível no Porto de Passagem o espanto de pessoas que transitam no local, mas que não tem maior intimidade no cotidiano da comunidade, e que ao se depararem com mulheres pescando, muitas vezes sem auxílio masculino, são tomadas de estranheza, como por exemplo, o caso do espanto do rapaz do gás, registrado em diário de campo. De acordo com Motta-Maués (1999), a pesca (em sua definição êmica), é uma atividade tradicionalmente exercida pelos homens, e segundo a autora, sempre pensada, inclusive pelos membros das comunidades pesqueiras, como um domínio essencialmente masculino. Tal constatação permeia o senso comum acerca do gênero na pesca, embora a literatura mencione que as mulheres sempre estiveram presentes na prática da pesca e, mesmo as que não saem para a captura de peixes, trabalham nos processos da viabilização de apetrechos e evisceração, como mencionado nos estudos de Da Silva (2012). Como pôde-se observar no Porto de Passagem, além de realizarem tais práticas de manejo ou preparo de apetrechos de pesca e de pescado, as pescadoras do Porto de Passagem saem para a captura dos peixes, e acabam ganhando destaque no local.

Sobre o reconhecimento social e a identidade de mulher pescadora⁷, Nega e outras pescadoras com as quais se pode dialogar durante a pesquisa, se auto reconhecem como pescadoras, apesar de haver relatos que evidenciam o não reconhecimento como pescadoras de mulheres que apenas praticam a evisceração e a viabilização de apetrechos entre elas. De acordo com a premissa de Goffman (1993) citado por Gerber (2013, p. 357), uma mulher que não reconhece outra mulher como trabalhadora da pesca, acaba inculcando em sua fala e em seus atos postulados ações que dizem respeito à manutenção de uma

⁷ O Capítulo IV da Lei 11.959, em seu artigo 8º, classifica pesca como I. Comercial: a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria; podendo utilizar embarcações de pequeno porte; b) industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial.

hierarquia de gênero, podendo remeter a uma certa visão estigmatizada de uma sobre a outra.

Em relação a inclusão das mulheres pescadoras no Porto de Passagem nas políticas de segurança social, geridas por instituições governamentais tais como o INSS, foram registradas falas que apontam para uma certa dificuldade em obter o registro social que garanta a aposentadoria entre as mulheres pescadoras. Igualmente foram registradas queixas relatadas pelas pescadoras do Porto de Passagem a esse respeito, mencionando explicitamente o fato de não serem consideradas pescadoras pelos agentes estatais, ou mesmo de serem deslegitimadas por esses mesmos técnicos enquanto pescadoras tradicionais ou artesanais, devido ao fato trivial de sua embarcação possuir um simples motor.

Gerber (2013) também registrou em sua pesquisa falas que revelaram impasses e dificuldades no reconhecimento social das pescadoras, as quais relataram-lhe situações de humilhação pelas quais passaram quando alguns técnicos entendiam ser impossível uma mulher trabalhar na pesca e, portanto, ter o direito à aposentadoria como pescadora.

Infelizmente, as raízes hegemônicas do machismo que sustenta o regime patriarcal colonial (SANTOS, 2019) foram crescendo desde os tempos antigos, com reflexo em várias esferas da vida social das mulheres, afetando-as de forma geral e específica, quer consideremos os mais vários recortes de análise, de raça, culturais, de idade, de cor, de classe e opção sexual, o que permite inferir que tal situação de luta constante pelo reconhecimento não é específica das mulheres envolvidas na atividade da pesca.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo etnográfico aqui apresentado se insere no esforço de trazer à tona e contribuir para o reconhecimento da presença de mulheres pescadoras na região Litoral do Paraná, através de uma mostra da vida dessas mulheres e a partir do cotidiano das pescadoras do Porto de Passagem. O método etnográfico foi a via escolhida para aprofundar as camadas de reconhecimento da existência dessas mulheres pescadoras e da relevância da pesca desenvolvida por elas na reprodução da vida social de seus grupos de pertencimento. Tal metodologia nos envolveu em perspectiva mais profunda do processo estudado, revelando a pertinência do método etnográfico aos estudos ambientais, conforme assinalado por pesquisadores antecessores (e.g. POSEY, 1987; FREITAS, 2005).

Através do método etnográfico de observação participante, pudemos evidenciar características do seu dia-a-dia, além de tecer breve análise da região onde praticam a pesca, a Baía de Guaratuba. Os resultados afluem para os objetivos aos quais propusemos inicialmente, permitindo, dentre as conclusões, considerar que este conhecimento é construído com base na socialização de saberes-fazer e práticas entre gerações de pescadoras, e a partir de suas relações etnoecológicas nos processos de manejo da natureza.

A pesca artesanal realizada no Porto de Passagem apresenta-se como de pequena escala, na qual é comum o uso de pequenas embarcações e apetrechos de pesca rudimentares. Os relatos das interlocutoras reiteram que, atualmente, a pesca quase não é mais praticada por pescadoras mulheres, as quais foram levadas por uma série de fatores condicionantes a trabalhar em serviços relacionados ao turismo de verão. Tal afirmação reiterada, permite inferir que, no passado, a prática pesqueira entre mulheres no local fosse ainda mais expressiva.

Apesar dessa aparente redução da prática pesqueira por mulheres no Porto de Passagem, as entrevistas com Marisa (Nega) revelam que a pesca prevalece sendo muito significativa para a vida caiçara na região, e mostra-se como um importante meio de subsistência, sendo fonte de proteína de qualidade para a comunidade, mas também reafirmando outros valores da vida social que circulam nas relações socioambientais envolvidas na pesca. Entretanto, observou-se que a produção e a comercialização de produtos da pesca no Porto de Passagem é em grande parte informal, o que torna frágil a perspectiva de desenvolvimento para o

setor pesqueiro da comunidade, afinal, é uma comunidade que possui grande influência da sazonalidade e impacto da urbanização do litoral.

Como aponta a literatura, infelizmente os conhecimentos locais vem perdendo espaço devido aos sistemas centralizados de gerenciamento de pesca, que possui como base os parâmetros da ciência pesqueira que incentiva a pesca de grande porte (SILVA, 2014, p. 9), tal pesca inclui tecnologias de maior predação, onde conseqüentemente ocorre uma captura de baixa seletividade de espécies (AGOSTINHO et al. 2005, p. 75).

A pesca, para Marisa e para as demais pescadoras entrevistadas no Porto de Passagem também integra outros valores que transcendem o ecológico econômico. Pescar contribui para a dispersão dos problemas cotidianos, sendo fonte de bem estar. Observa-se que possuem uma perspectiva que revelam um repertório de saberes próprios das mulheres em relação a atividade pesqueira, tendo como exemplo a conexão das suas atividades com as fases da lua. Desta forma, realizam sua pesca a partir do conhecimento herdado e com a experiência de anos da prática, conhecendo cada espécie a partir de suas percepções, uma rica experiência e sabedoria sobre onde, como e quando pescar.

Pode-se concluir, a partir de seus relatos, que mesmo que algumas vezes enfrentem dificuldades em ter seu trabalho como pescadoras reconhecido, ou que não obtenham sucesso em uma de suas saídas para pescar, independentemente, o trânsito embarcadas pelas águas da Baía de Guaratuba permite que continuem com um sorriso no rosto, e é evidente o seu gosto pela pesca, mesmo sendo um trabalho árduo, ainda possuem a resiliência na permanência naquela região, e o orgulho ao mostrar seus conhecimentos.

Assim, mostra-se fundamental a necessidade de reconhecimento da pesca de mulheres na região Litoral do Paraná, nos planos de manejo ou projetos de desenvolvimento local, inserindo tais comunidades e suas vivências, saberes e experiências, no escopo de reconhecimento socioambiental. Os conhecimentos oriundos dessas comunidades são indispensáveis para qualquer projeto de desenvolvimento que se queira sustentável, e que, nesse sentido, possa também contribuir para a manutenção da pesca como atividade sustentável na região, promovendo a valorização do pescador e da pescadora tradicional. Nesse sentido, pretendemos que este trabalho possa contribuir no movimento de reconhecimento e realce das pescadoras mulheres no Litoral do Paraná.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Cristina. **As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar**. Revista de Antropologia, v. 43, n. 1, p. 145-182, 2000.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas**. Dialética do esclarecimento, v. 2, p. 113-156, 1985.
- ANDERSON, E. N. **Ethnobiology: overview of a growing field**. Ethnobiology, edited by EN Anderson, DM Pearsall, ES Hunn, and NJ Turner, p. 1-14, 2011.
- ANGULO, R. J. **Geologia da planície costeira do Estado do Paraná**. São Paulo, 1992. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo–USP. 334p.
- BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. [S. l.], 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12651.htm. Acesso em: 12 jul. 2019.
- CARDOSO, Ruth. (org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CATELLA, Agostinho Carlos et al. **Pesca: uma atividade estratégica para a conservação do Pantanal**. Embrapa Pantanal-Artigo de divulgação na mídia (INFOTECA-E), 2012.
- COSTA-NETO, E. M.; MARQUES, J. G. W. **Conhecimento ictiológico tradicional ea distribuição temporal e espacial de recursos pesqueiros pelos pescadores de Conde, Estado da Bahia, Brasil**. *Etnoecológica*, v. 4, n. 6, p. 56-68, 2000.
- COSTA, Luciano; DA CUNHA CHAVES, Paulo de Tarso. **Elasmobrânquios capturados pela pesca artesanal na costa sul do Paraná e norte de Santa Catarina, Brasil**. *Biota Neotropica*, v. 6, n. 3, 2006.
- CORRÊA, Marco Fábio Maia; DE BARROS LEMOS, Paulo Henrique. **A pesca artesanal da tainha no litoral do Estado do Paraná**. Governo do Paraná, Secretaria da Cultura, 1993.
- DA COSTA, Alda Cristina Silva et al. **Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer**. 2010.
- DA SILVA, Vera Lucia et al. **A regulação jurídica da pesca artesanal no Brasil e o problema do reconhecimento do trabalho profissional das pescadoras**. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. 2012.
- DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. Unesp, 1998.
- DE PINA, JULIANA VENTURA; CHAVES, PAULO DE TARSO. A pesca de tainha e parati na Baía de Guaratuba, Paraná, Brasil. *Acta Biológica Paranaense*, v. 34, 2005.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. NUPAUB-USP, 2004.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. *Etnográfica*, v. 3, n. 2, p. 361-375, 1999.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras**. USP, 1988.

- DIEGUES, Antônio Carlos. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. 2000.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima**. 1995.
- DIEGUES, Antonio Carlos; NOGARA, Paulo José. **O nosso lu-gar virou parque. Estudo sócio ambiental do saco de mamanguá**. Parati-Rio de Janeiro. 2ªed. São Paulo: Nupaub/USP, 1999.
- DOMINGUES; C. V; FRANÇOSO, M. T. **Aplicação de Geoprocessamento no processo de modernização da gestão municipal**. Revista Brasileira de Cartografia. n. 60, p. 71- 78, 2008.
- DUMITH, Raquel de Carvalho. **A importância da gestão compartilhada e das áreas marinhas protegidas para o sistema socioecológico da pesca artesanal: o caso das reservas extrativistas marinhas**. Revista GeoTextos, v. 8, n. 2, 2012.
- FREITAS, Ana Elisa de Castro. **Mrur Jykre-a cultura do cipó: territorialidade Kaingang na margem leste do Lago Guaíba, Porto Alegre, RS**. 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. Capítulo I.
- GERBER, Rose Mary et al. **Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil**. 2013.
- GODEFROID, Rodrigo et al. **Efeito da lua e da maré na captura de peixes em uma planície de maré da Baía de Paranaguá, Paraná, Brasil**. Boletim do Instituto de Pesca, v. 29, n. 1, p. 47-55, 2018.
- HADDAD, Vidal Júnior. **Animais aquáticos de importância médica no Brasil**. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, p. 591-597, 2003. DOI dx.doi.org/10.1590/S0037-86822003000500009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/67397>. Acesso em: 20 set. 2019.
- HARDER, Eduardo; DE CASTRO FREITAS, Ana Elisa. **Envelhecer na invisibilidade: tempo e narrativa na Ponta Oeste da Ilha do Mel, Paraná, Brasil**. ILUMINURAS, v. 16, n. 40.
- HARDER, Eduardo. **A Constitucionalização dos direitos culturais no Brasil e os sentidos de uma perspectiva patrimonial**. Programa de Pós-Graduação em Direito. 2014.
- INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. **Diretrizes para uma política estadual de ecoturismo**. Curitiba: SEMA/PR, SEET/PR, SPVS, 1996
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. 2012. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63011.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E GEOLOGIA DO PARANÁ. [S. l.: s. n.], [2010]. **Dados e informações geoespaciais temáticos**. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/faq/category.php?categoryid=9>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- INPE. **Landsat**. [S. l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/documentacao/satelites/landsat>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- KRUG, Lilian Anne; NOERNBERG, Mauricio Almeida. **Extração de batimetria por sensoriamento remoto de áreas rasas dos sistemas estuarinos do Estado do Paraná-Brasil**. Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil, p. 16-21, 2005.

- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papiрус 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MANESCHY, Maria Cristina. **A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará**. 1995.
- MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. **Pescadoras: subordinação de pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento**. 2012.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Rio de Janeiro: UERJ, p. 4-18, 2001.
- MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. Editora Ática, 1986.
- MARTÍNEZ, Luis. **La observación y el diario de campo en la definición de un tema de investigación**. Revista perfiles libertadores, v. 4, n. 80, p. 73-80, 2007.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Mata Atlântica Manual de Adequação Ambiental**. [S. l.], 2010. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/202/_arquivos/adequao_ambiental_publicao_web_202.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Mata Atlântica**. Disponível em: http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica_emdesenvolvimento. Acesso em: 12 jul. 2019.
- NETO, Eraldo Medeiros Costa. **A cultura pesqueira do litoral norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade**. UFAL, 2001.
- PRADO, HELBERT MEDEIROS; MURRIETA, RUI SÉRGIO SERENI. **A etnoecologia em perspectiva: origens, interfaces e correntes atuais de um campo em ascensão**. Ambiente & Sociedade, 2015.
- PRADO, Djalma Pereira et al. **Preferências, tabus alimentares e uso medicinal de peixes na reserva de desenvolvimento sustentável Barra do Una, São Paulo**. Ethnoscintia, v. 2, n. 1, 2017.
- POSEY, Darrell A. **Etnobiologia: teoria e prática**. Suma etnológica brasileira, v. 1, p. 15-25, 1987.
- SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. Brasiliiana, 1987.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**. 2019.
- SCORSATO, Simone Maria. **Hospitalidade: o desafio das populações de pescadores que se transformam em fornecedores de serviços turísticos**. Revista Hospitalidade, v. 3, n. 2, p. 77-90, 2006.
- SOS MATA ATLÂNTICA. **Dados mais recentes**. 2019. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/>. Acesso em: 12 jul. 2019.
- RAMIRES, Milena; MOLINA, Silvia Maria Guerra; HANAZAKI, Natalia. **Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca**. Biotemas, v. 20, n. 1, p. 101-113, 2007.
- RAMOS, F.R. CÂMARA, G., MONTEIRO, A.M.V. **Territórios digitais urbano**. In: ROOKER, J. R.; DENNIS, G. D. **Diel, lunar and seasonal changes in a mangrove fish assemblage off southwestern Puerto Rico**. Bulletin of Marine Science, v. 49, n. 3, p. 684-698, 1991.
- SOLOS, Embrapa. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Centro Nacional de Pesquisa de Solos: Rio de Janeiro, 2013.
- STADEN, Hans. **Dois viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil**. Porto Alegre, 2010.

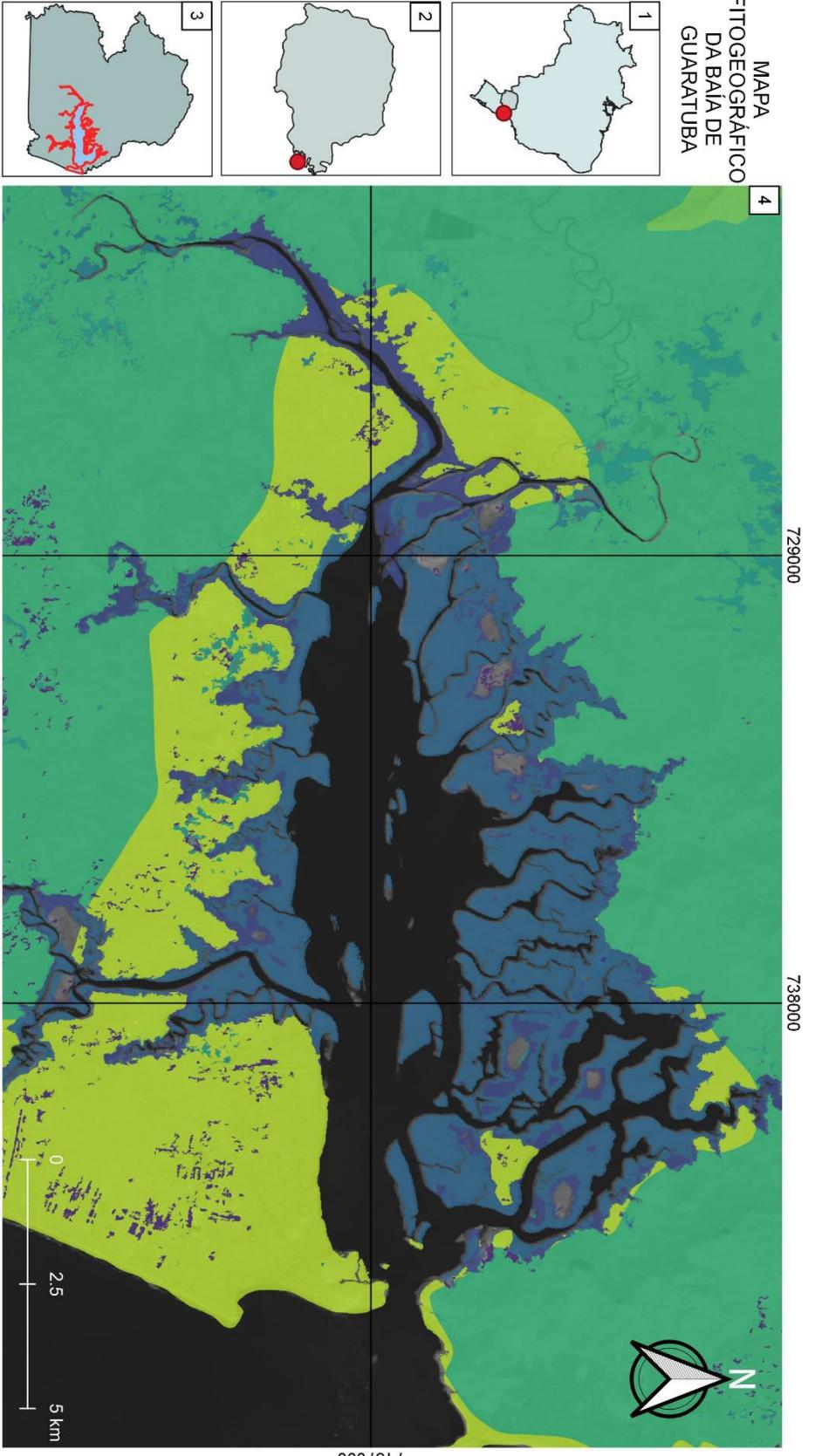
VAZZOLER, A. E. A. M. et al. **Biologia da reprodução de peixes teleósteos: teoria e prática**. Maringá: Eduem, v. 169, 1996.

VIANA, Virgílio Maurício; DIEGUES, Antônio Carlos. **Comunidades Tradicionais e Manejo dos Recursos Naturais da Mata Atlântica**. São Paulo: NUPAUB/USP, v. 1, p. 273, 2000.

ZEM, Rafaela C.; PATCHINEELAM, Soraya M.; MARONE, Eduardo. **Morfologia e dinâmica de sedimentos da Baía de Guaratuba-PR**. In: CONGRESSO DA ABEQUA (Associação Brasileira de Estudos do Quaternário). 2005.

ANEXO 1

MAPA
FITOGEOGRÁFICO
DA BAIJA DE
GUARATUBA



Localização

1	Brasil
2	Estado do Paraná
3	Município de Guaratuba
4	Área de Estudo

● Baía de Guaratuba

LEGENDA

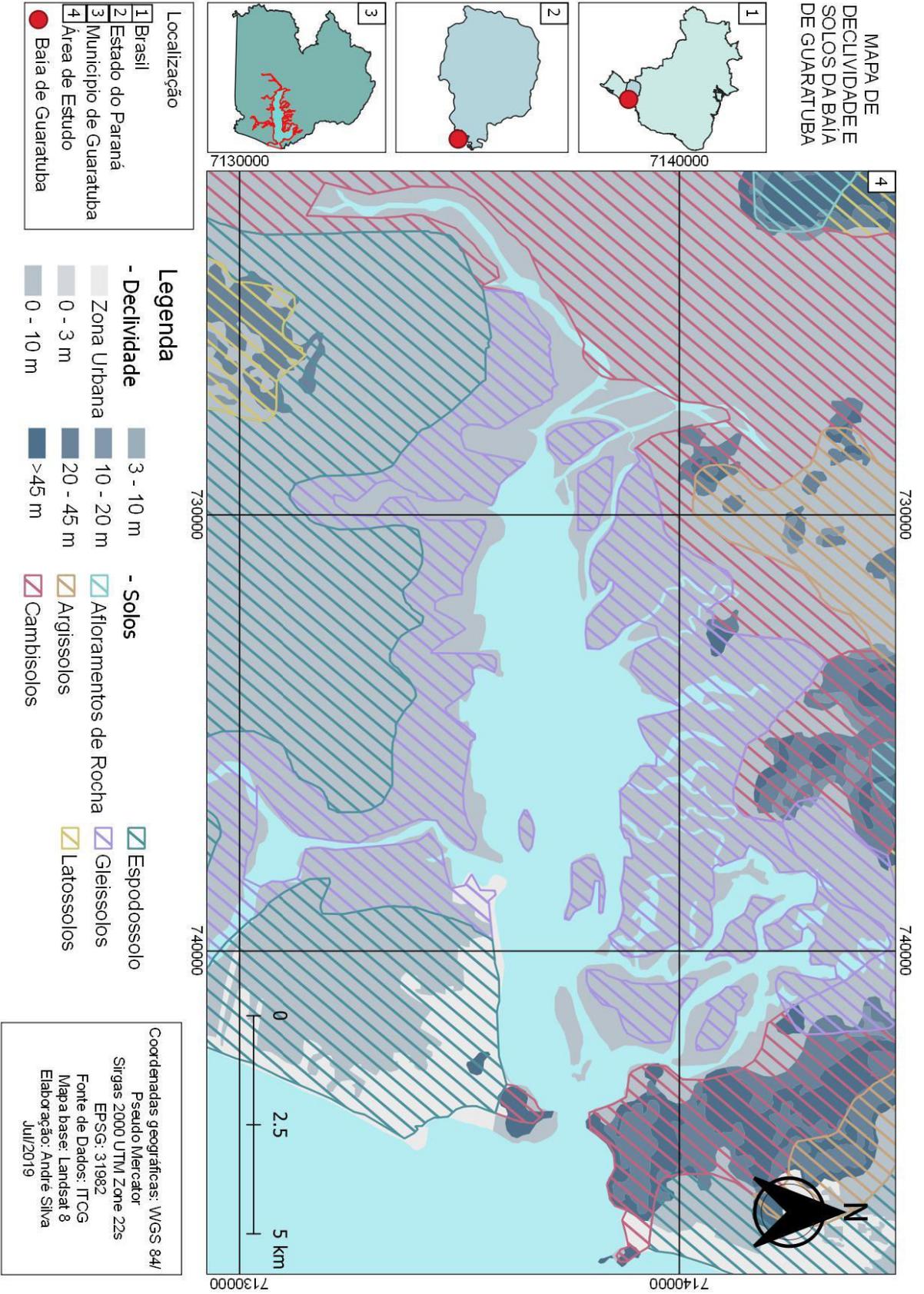
- Vegetação	
	Floresta Ombrófila Densa Alto-montana
	Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas e Aluvial
	Floresta Ombrófila Densa Montana
	Floresta Ombrófila Densa Sub-Montana
- Formação Pioneira	
	Com influência fluvial - arbórea
	Com influência fluvial - herbácea / arbustiva
	Com influência fluviomarina - arbórea
	Com influência fluviomarina - herbácea / arbustiva
	Com influência marinha - arbórea
	Com influência marinha - herbácea / arbustiva

Coordenadas Geográficas: WGS 84 /
Pseudo Mercator
SIRGAS 2000 UTM zone 22s
EPSG: 31982
Fonte de dados:
ITCG
Mapa base: Landsat 8
Elaboração: André Silva
Jul/2019

7137000

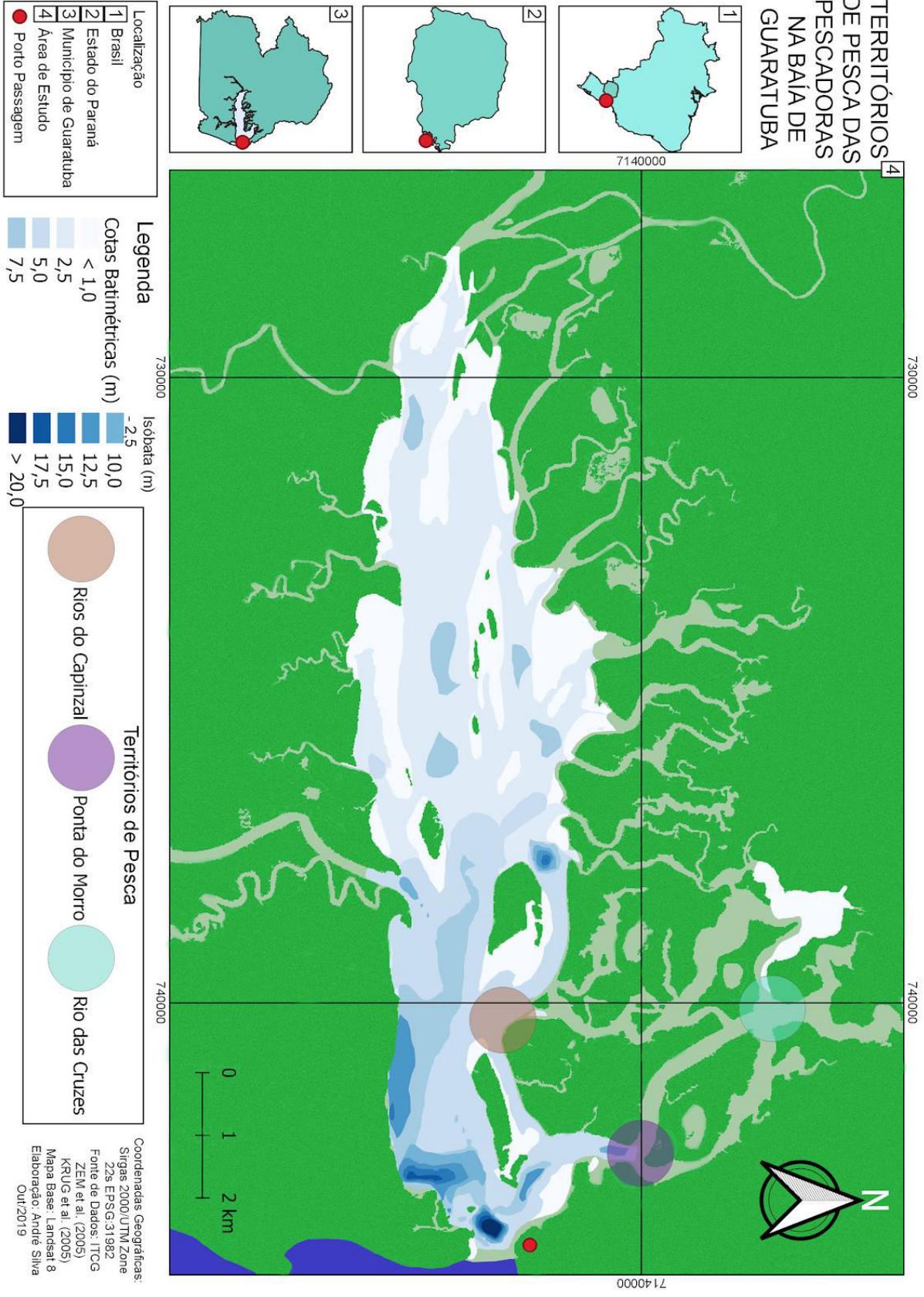
ANEXO 2

MAPA DE DECLIVIDADE E SOLOS DA BAIJA DE GUARATUBA



ANEXO 3

TERRITÓRIOS DE PESCA DAS PESCADORAS NA BAÍA DE GUARATUBA



- Localização
- 1 Brasil
 - 2 Estado do Paraná
 - 3 Município de Guaratuba
 - 4 Área de Estudo
- Porto Passagem

- Legenda
- Cotas Batimétricas (m)
- < 1,0
 - 2,5
 - 5,0
 - 7,5
- Isóbata (m)
- 2,5
 - 10,0
 - 12,5
 - 15,0
 - 17,5
 - > 20,0

- Territórios de Pesca
- Rios do Capinzal
 - Ponta do Morro
 - Rio das Cruzes

Coordenadas Geográficas:
 Sirgas 2000/UTM Zone
 22s EPSG:31982
 Fonte de Dados: ITCG
 ZEM et al. (2005)
 KRUG et al. (2005)
 Mapa Base: Landsat 8
 Elaboração: André Silva
 Out/2019

MEMORIAL DE INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS

Minha caminhada na participação das Interações Culturais Humanísticas (ICHs) foi com temáticas diversas. Sempre escolhi ICHs com temas diferentes com o intuito de buscar novas experiências e, como já diz o nome, interações. Mesmo tendo um foco maior nos Fundamentos Teóricos e Práticos (FTPs), concluo que pude aproveitar ao máximo cada ICH que participei. A ICH é um dos destaques da UFPR Litoral, pois propõe um tipo de aula onde resgata conhecimentos e interações de diversas origens, é o que torna mais rico! Desta forma, a cada semestre, tentei diversificar ao máximo para ter a maior interação possível com todos os cursos do setor e a comunidade. Afinal, posso considerar que a vivência nas ICHs foi gratificante e somou de grande forma para o meu processo de aprendizagem como aluno da UFPR Litoral. A seguir é exibido às ICHs que tive participação e os seus devidos mediadores:

- ICH RPG de mesa - Luiz Everson da Silva
- Cine Saberes – Liliani Tiepolo
- GEEKICH - Gilson Dahmer, Ehrick Melzer
- Cinema: Pipocando ideias – Juliano dos Santos
- ITALICH – Luiz Ernesto Brambatti
- ARTESANICH – Lenir Maristela da Silva
- ICH RPG de mesa – Christiano Nogueira
- Alimentação Tradicional Caiçara – Diomar Augusto de Quadros

MEMORIAL DE PROJETO DE APRENDIZAGEM

Durante os dois primeiros anos do curso o desenvolvimento do projeto de aprendizagem se deu em espaço coletivo, sendo iniciada a mediação individual com o orientador a partir do terceiro ano de curso. Durante o primeiro ano não tive muito progresso, buscando através de materiais bibliográficos, aulas e conversas encontrar um tema que me trouxesse vontade de pesquisar. No início do segundo ano, durante uma conversa com uma colega de sala, a Thaís Fusik, ela comentou sobre suas parentes pescadoras que moram no Porto de Passagem, local próximo da região do Cabaraquara. Me convidou para pesquisar com ela sobre os saberes destas mulheres. Partimos por metodologias diferentes, mas com um único objetivo: reconhecer o trabalho e os saberes das pescadoras do Porto de Passagem.

Enquanto Thaís foi orientada pelo Professor Luís Antônio Serbena, eu busquei a professora Ana Elisa de Castro Freitas para ser minha orientadora, pois além de criar afinidade durante suas aulas, sabia sobre seu conhecimento em relação às comunidades tradicionais e o método etnográfico. A partir disso trabalhamos juntos do terceiro ano da minha graduação até a defesa do meu trabalho de conclusão de curso, apesar de haver um intervalo nesse período, quando a professora realizou uma licença para capacitação. Neste intervalo, busquei a orientação do professor Christiano Nogueira, o qual foi meu mediador durante um semestre, pois além de me acompanhar no projeto de aprendizagem, já era meu orientador de iniciação científica.

Naturalmente, meu projeto de aprendizagem se transformou no meu trabalho de conclusão de curso, onde almejo estar contribuindo na luta das mulheres para o reconhecimento do seu trabalho, na valorização dos conhecimentos teórico-práticos que suas comunidades possuem sobre a pesca, além de buscar ajudar na construção de uma concepção diferente sobre a conservação da biodiversidade, a qual possa incluir o reconhecimento de saberes e culturas de comunidades locais como parte das metas de conservação da natureza .